



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JESSÉ GEMINIANO JÚNIOR

**Um aporte da Mobilidade Pendular dos Estudantes do Curso de Geografia da UEPB:
implicações no processo de ensino-aprendizagem.**

**CAMPINA GRANDE - PB
2012**

JESSÉ GEMINIANO JÚNIOR

**Um aporte da Mobilidade Pendular dos Estudantes do Curso de Geografia da UEPB:
implicações no processo de ensino-aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia. Orientador: Prof. Esp. Daniel Campos Martins.

CAMPINA GRANDE - PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

G323u Geminiano Júnior, Jessé.

Um aporte da mobilidade pendular dos estudantes do curso de geografia da UEPB [manuscrito] : implicações no processo de ensino-aprendizagem / Jessé Geminiano Júnior. – 2012.

67 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Esp. Daniel Campos Martins, Departamento de Geografia”.

1. Geografia - Demografia. 2. Mobilidade Pendular. – Ensino aprendizagem. 3. Alunos - UEPB. I. Título.

21. ed. CDD 910

JESSÉ GEMINIANO JÚNIOR

**Um aporte da Mobilidade Pendular dos Estudantes do Curso de Geografia da UEPB:
implicações no processo de ensino-aprendizagem**

Aprovada em 03 /12/2012.



Prof^o. Esp. Daniel Campos Martins/ UEPB

Orientador



Prof^a Dr^a Aretuza Candeia de Melo /UEPB

Examinadora



Prof^a Dr^a. Joana D'Arc Araújo Ferreira / UEPB

Examinadora

A Deus acima de tudo, por estar presente em minha vida diariamente, e por nunca ter me abandonado (...) está comigo em meio as angústias e fracassos, assim como nos momentos de alegria e vitórias.

Aos meus amados e pacientes pais, Jessé Geminiano e Maria do Céu Santos Geminiano, pelo amor incondicional, exemplos de moral, humildade, honestidade e fé.

Aos meus familiares e aos meus verdadeiros e valorosos amigos que sempre me motivaram e acreditaram em mim.

E a meus avós, (*in memoriam*), que me deram lições de simplicidade e sabedoria.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, minha bússola e meu baluarte. A Ele ofereço todas as glórias e vitórias alcançadas, bem como, a superação dos obstáculos e desafios enfrentados ao logo dessa jornada. Sempre me apoiando quando fraquejei, sendo meu farol em dias de tormenta. A ele dedico “o bom” que há em mim, o meu amadurecimento pessoal, espiritual, profissional, o olhar crítico-social do profissional Professor de Geografia, e por ter-me dado a honra de chegar ao fim dessa fase, uma trajetória, árdua, contudo, extremamente valorosa.

Ao meu honroso pai *Jessé Geminiano*, exemplo de valores, humildade, honestidade, fé, amor, e mesmo com suas peculiaridades, soube compreender-me, apoiar-me, e interceder por mim, nunca me desamparando.

À minha bendita e amável mãe *Maria do Céu Santos Geminiano* que, com todo seu carinho, afeto e paciência, sempre me apoiou, nunca me desamparou, e está sempre de braços abertos a me esperar, me ensinando importantes lições de amor.

À *minha família* (avôs/avós, tios/tias, primos/primas), que com seu apoio e orações torceram por mim, e contribuíram de alguma forma para a chegada do momento atual.

Aos verdadeiros e valorosos *amigos* que encontrei durante essa jornada acadêmica, e as pessoas que passaram pela minha vida e que tive a honra de conviver, entender e aprender com os mesmos, respeitando as diferenças, peculiaridades de cada um e crescendo pessoalmente através do convívio e/ou interações sociais.

Agradeço aos meus *colegas e amigos da turma 2007.2 noite*, sem exceção, a companhia nas aulas, trabalhos de campo, congressos, conversas, lembranças essas, que nem mesmo o tempo conseguirá apagar, pois estão guardadas na memória, em nossas recordações.

Ao amigo *Alisson Clauber* pela ajuda, pelas orientações, disponibilidade, generosidade e incentivo na realização deste trabalho.

Ao professor e orientador, *Daniel Campos* um dos profissionais mais comprometidos com o que faz, um exemplo a ser seguido.

Aos professores e ex-professores do Curso de Geografia, e de outros cursos que de alguma forma, são importantes pra mim e contribuíram para meu crescimento profissional, pessoal e permanência no Curso: Marília, João Damasceno, Margarida, Lincoln, Joana D’arc, Alexandre, Arthur, Kátia Passos, Ozéas, Suellen, pelos ensinamentos, pelos bons momentos e pela amizade conquistada.

A todos os *estudantes do Curso de Geografia (UEPB)* que migram diariamente à Campina Grande, conhecedores da realidade estudada e que contribuíram com valiosas informações para efetivação da pesquisa, sem os quais a mesma não teria sido realizada.

Aos *professores e amigos* que cordialmente me ajudaram com o trabalho e as informações buscadas.

E por fim, agradeço a Prof^a. *Aretuza Candeia de Melo* e a Prof^a. *Joana D'Arc Araújo Ferreira*, por terem aceito o convite para participar da banca examinadora desse estudo.

... Pra encontrar alguém ou alguma obra é preciso sair ao encontro...

(Henri Lefebvre)

RESUMO

GEMINIANO JÚNIOR, Jessé. **Um aporte da Mobilidade Pendular dos Estudantes do Curso de Geografia da UEPB: implicações no processo de ensino-aprendizagem.** 2012. 67 f. Monografia do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB-Campina Grande - Campus I-Paraíba.

O presente estudo tem como objetivo principal analisar a mobilidade pendular dos estudantes do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba e suas implicações no processo de ensino aprendizagem, bem como as dinâmicas sócioespaciais decorrentes desse fenômeno no âmbito acadêmico e na cidade de Campina Grande. O trabalho foi dividido em etapas, iniciando-se com o levantamento bibliográfico, aquisição de dados junto ao Departamento de Geografia e pesquisa *in loco*. Foi realizado por meio da aplicação de questionários e entrevistas dirigidas a alunos que migram diariamente. A fim de entender tal processo, se estudou de forma dialética, fenomenológica, qualitativa-quantitativa os movimentos pendulares dos estudantes de Geografia (UEPB), turno-noite, turmas de 1º ao 5º ano, oriundos de diversos municípios paraibanos e até estados circunvizinhos, com objetivos específicos de esclarecer alguns questionamentos e perguntas evidenciadas ao longo deste estudo. Tais como: conhecer suas realidades e perspectivas profissionais, entender as causas que os motivam a permanecerem neste processo migratório; Bem como os conflitos enfrentados por esses discentes ao longo de cinco (05) anos de curso, as superações, e seus olhares a respeito do próprio curso e da Universidade como um todo. Verificou-se que os interesses dos estudantes, bem como suas necessidades e preocupações são relevantes. Se constatou que tais discentes sentem-se compromissados, se identificam com o curso e a área de estudo que o mesmo abrange e consideram que a Universidade pode ser caracterizada como um lugar da construção de vínculos, sentimentos de apego e de amizade, identificam-se com alguns professores, valorizam a instituição (UEPB) e buscam por um ensino de qualidade a fim de exercerem uma carreira promissora em meio a um cenário educacional preocupante.

Palavras - chave: Mobilidade pendular, UEPB e Geografia.

ABSTRACT

GEMINIANO JÚNIOR, Jessé. A contribution Mobility Pendular Student Course Geography UEPB: implications in the teaching-learning process. 2012. 67 f. Monograph Course Full Degree in Geography - UEPB-Campina Grande - Campus I-Paraíba.

The present study aims at analyzing the commuting of students of the Geography from the State University of Paraíba and its implications in the teaching learning as well as the dynamics of this phenomenon sócioespaciais arising in the academic and in the city of Campina Grande. The work was divided into stages, starting with the literature, data acquisition at the Department of Geography and on-site research. Was conducted through questionnaires and interviews aimed at students who flock daily. To understand this process, we studied dialectically, phenomenological, qualitative-quantitative commuting the students of Geography (UEPB), turn-night classes from 1st to 5th grade, from various states and even municipalities paraibanos surrounding, with specific goals to clarify some issues and questions highlighted throughout this study. Such as: know your realities and professional perspectives, understand the causes that motivate them to remain in this migration process, as well as the conflicts faced by these students over five (05) years of course, overshoots, and about their looks own course and the University as a whole. It was found that the interests of students and their needs and concerns are relevant. If found that such students feel committed, identify themselves with the course and the study area that it covers, and consider that the University can be characterized as a place of building links, feelings of attachment and friendship, identify with some teachers value the institution (UEPB) and looking for a quality education in order to have had a promising career amid a worrying educational setting.

Keywords: Commuting mobility, UEPB and Geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O governador Tarcísio Burity no momento da estadualização da Universidade	23
Figura 2 - Distribuição dos sete (07) campus estaduais da UEPB	25
Figura 3 - Prédio do CEDUC I	29
Figura 4 - Nova Central Integrada de Aulas (CIA)	30
Figura 5 - Rodovias- PB-177 -Curimataú e Seridó paraibano	34
Figura 6 - Distribuição de alunos por mesorregiões da Paraíba.....	38
Figura 7 - Picuí até o entroncamento com a BR-104 - PB / ônibus dos estudante de Picuí	40
Figura 8 - Localização do Município de Campina Grande, situado no Estado da Paraíba.....	46
Figura 9 - Imagem das rodovias que dão acesso a Campina Grande-PB	47
Figura 10 - Prédio do CEDUC I - Centro de Educação e salas de aula	48
Figura 11- Laboratório de informática e biblioteca do antigo CEDUC I	49
Figura 12 - Nova Central de Aulas	50
Figura 13 – Instalações da Nova Central de Aulas.....	51
Figura 14 – Imagens das salas de aulas e biblioteca da Nova central de aulas	52
Figura 15 - Problemas mecânicos com o ônibus dos estudantes do município de Picuí- PB ..	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Porcentagem de alunos do Curso de Geografia que migram diariamente e que residem na cidade de Campina Grande – PB	37
Gráfico 02 - Quantidade de alunos que migram diariamente por Mesorregião	39
Gráfico 03 - Fatores que motivaram a escolha do Curso de Geografia em Campina Grande .	56
Gráfico 04 - O que mais lhe agrada no Curso de Geografia – UEPB.....	57
Gráfico 05 - O que mais lhe desagrada no Curso de Geografia – UEPB.....	59
Gráfico 06 - A caracterização da Universidade como um lugar/local propicio para interação social	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1. Os movimentos migratórios da população	14
1.2. Mobilidade Pendular: causas e consequências	16
2. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO SUPERIOR	18
2.1 Da URNE a UEPB: resgate histórico do Curso de Geografia	22
2.2. A Universidade: um lugar e/ou local de interações socioespaciais e da construção do saber	28
2.3. Movimentos migratórios: o turista e as noções de lugar e não-lugar.....	33
3. MOBILIDADE PENDULAR: suas implicações no processo de ensino-aprendizagem e na formação do profissional de Geografia	37
4. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	46
4.1. Localização geográfica da Cidade de Campina Grande	46
4.1.2 Localização geográfica e caracterização da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	48
5. A PESQUISA E SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS	53
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	56
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
8. REFERÊNCIAS	65
9. APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

O referido estudo surge com a finalidade de analisar o processo de mobilidade pendular dos estudantes do Curso de Geografia das turmas de 1º ao 5º ano, turno-noite da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Tendo em vista, que tais movimentos migratórios fazem-se presentes desde o surgimento da Instituição, sendo um fenômeno coletivo, vivenciado por inúmeros estudantes que deslocam-se diariamente do espaço rural para o urbano, de um município para outro, e até de uma região para outra, ambos de realidades sócioespaciais e culturais distintas, arraigados de valores peculiares de cada indivíduo ou lugar, que são agregados as dinâmicas de cada espaço geográfico, constituindo assim um processo social.

Diante da realidade vivenciada, analisou-se tais fatores, por meio deste trabalho que busca compreender quais as principais causas, bem como consequências deste fenômeno para o Curso e a Universidade como um todo, evidenciando a necessidade de estudar à luz de bibliografias tal processo migratório, e de conhecer os motivos que levam estudantes a saírem de suas localidades para irem estudar em Campina Grande-PB, cidade essa, conhecida por ser um pólo educacional, abrigando diversas instituições de ensino superior em toda sua dimensão, atraindo um grande número de estudantes oriundos das mais diversas localidades.

Nesse sentido, o grande fluxo de discentes, muda diariamente a dinâmica da cidade, que nesse contexto transforma-se em um lugar de encontros e desencontros, interações culturais e/ou espaciais, formação de territórios e de mudanças paisagísticas constantes em detrimento dos aglomerados de alunos, ônibus de estudantes e dinâmicas variadas.

No que se refere aos procedimentos metodológicos o trabalho teve como método aplicado o Materialismo Histórico-Dialético, levando em consideração as variantes da mobilidade pendular dos estudantes e os reflexos no processo de ensino aprendizagem inerente a tal processo. Como metodologia aplicou-se uma análise qualitativa e quantitativa, ou seja, qualificando, distinguindo e identificando as diferenças dos estudantes que migram diariamente e os quantificando estatisticamente como forma de estabelecer uma análise o mais próximo possível do quadro real de estudo. Ainda na pesquisa lançou-se mão de outras abordagens, como a fenomenologia, a fim de aproximar o arcabouço teórico da realidade analisada.

Foram realizadas entrevistas e aplicação de questionários com os estudantes do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba e professores do referido Curso, além de

levantamento bibliográfico e levantamento de dados no DG (Departamento de Geografia), bem como a observação *in loco* e registros fotográficos.

É alvo do trabalho, identificar de forma específica de onde vêm tais discentes, conhecer suas realidades, entender as causas que os motivam a permanecerem neste processo migratório; Bem como os conflitos enfrentados por esses discentes ao longo de cinco (05) anos de curso, as superações, e seus olhares a respeito do próprio curso e da Universidade como um todo. Analisar tais aspectos e suas implicações no processo de ensino aprendizagem são elementos que nortearão a efetivação da pesquisa, que servirá como instrumento embasador do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Os movimentos migratórios da população

O termo migração pode ser considerado como o movimento de pessoas de um local para outro, e segundo (CASTRO, 2006 apud ARAÚJO, 2009, p.19) pode ser entendida como a mobilidade espacial da população. Pode ocorrer de forma definitiva e de modo que não exija a fixação de moradia no local, como as migrações pendulares alvo da pesquisa. O conceito de migração é amplo e segundo aponta Renner e Patarra (1991) apud Araújo (2009, p.19) deve contemplar:

As mudanças de residência (...), as populações nômades, as migrações sazonais, os movimentos das pessoas com mais de uma residências, os deslocamentos dos visitantes, turistas e pessoas que viajam regularmente. Podem ocorrer de forma definitiva, e de forma que não exija a fixação de moradia no local, como as migrações pendulares alvo na pesquisa. Todavia, para entender o conceito é necessário conhecer os motivos e as necessidades pelas quais se dão o processo migratório, ou seja, “a finalidade do movimento”.

Os movimentos pendulares ocorrem cada vez, com mais frequência em virtude dos avanços tecnológicos oriundos da globalização, como os transportes, que diminuem o tempo e espaço entre as cidades, locais esses que dispõem de características favoráveis para haver a migração. Conforme afirma Santos (1994, p.53)

A cidade reúne considerável número das chamadas profissões cultas, possibilitando o intercâmbio entre elas, sendo que a criação e a transmissão do conhecimento têm nela lugar privilegiado. Dessa forma, a cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas. Diga-se então que a cidade é um lugar de ebulição permanente.

Algumas cidades intituladas “pólos” como Campina Grande, atraem pessoas com os mais distintos objetivos ou fins. É importante frisar ainda que cidades do porte de Campina Grande possuam bons serviços nas áreas de saúde, comércio e educação. Nesse contexto de desenvolvimento impulsionado pelas técnicas vigentes, a busca pelo saber e formação profissional, o ensino superior ganha destaque, a cidade é destaque no cenário estadual e nacional pelo bom nível de suas Universidades. Dentre elas a Universidade Estadual da

Paraíba, onde encontra-se a atuação do Curso de Geografia, que engloba ensino de qualidade e desperta o interesse de inúmeros estudantes de diversas localidades a migrarem diariamente a fim de estudar.

As migrações são um fenômeno social que provocam mudanças nas dinâmicas de cada lugar, e não pode ser analisado como apenas “uma mudança permanente ou temporária do local de residência” (GOLGHER, 2004, p. 7) elas acarretam enormes implicações, no modo de vida de cada lugar. Esses deslocamentos ocorrem por muitos motivos, exemplificados atualmente pela busca de estudo qualificado e está intrinsecamente veiculado aos processos de inserção do indivíduo no mercado de trabalho.

Para entender o processo de mobilidade pendular é recomendável um breve relato histórico do processo migratório do Brasil. Oliveira (2006) destaca que tais deslocamentos populacionais devem ser vistos como elementos sociais, e que o processo migratório brasileiro se inicia no período colonial com a vinda dos colonizadores europeus, as migrações eram marcadas pelas exportações de indígenas rumo a Portugal, e também do deslocamento interno feito pelos escravos trazidos da África, forçados a se deslocarem para qualquer parte do território, conforme a vontade de seus “donos” .

A partir do século XIX surge uma nova forma de migração, os movimentos internacionais de europeus fugidos de guerras e conflitos a fim de trabalhar no país e aumentando assim a “mão-de-obra livre”, Todavia, é a partir do século XX, que as migrações começam a ocorrer com mais intensidade, em decorrência a industrialização e com a urbanização crescente, fazendo com que aumente os fluxos populacionais, principalmente de nordestinos, em consequência das oportunidades/ofertas que o novo cenário brasileiro oferece.

Segundo Castro, *et al.* até 1970, o processo migratório era visto numa perspectiva neoclássica, estudava-se os movimentos de mobilidade valorizando as características particulares do indivíduo que migrava, “decisão pessoal” e através da mensuração dos fluxos demográficos e não pressionado ou provocado pelas necessidades socioeconômicas latentes.

A partir de 1970, os processos migratórios foram reconsiderados sob a perspectiva neomarxista, ou seja, passou a ser posta como “mobilidade forçada pelas necessidades do capital” e não como um ato soberano de vontade individual.

A década de 1980 tem início um novo tipo de movimento populacional, a migração internacional e a medida que o tempo passa muda-se as necessidades assim como os tipos de migração, porém a busca por melhores condições de vida e capacitação profissional assumem papéis de destaque como fatores causais para o indivíduo migrar.

1.2 Mobilidade Pendular: causas e consequências

Os movimentos migratórios acompanham o ser humano ao longo de sua evolução histórica na qual, contribuíram para a formação e a história de nações, união de raças e culturas diferentes que culminaram na heterogeneidade de relações hoje existentes.

As migrações existem desde o período em que o ser humano era nômade, mudava de lugares, de acordo com suas necessidades fisiológicas ou em decorrência do clima, o com o tempo passou a fixar-se, a conquistar e demarcar territórios. Os deslocamentos populacionais ao longo da história exercem influência no modo de vida dos lugares e das pessoas, une povos, agregam valores culturais, mudam os aspectos econômico, político, social de cada espaço habitado, foram e são responsáveis pelas mudanças nas relações, produção e reprodução social de cada lugar.

Com o tempo as circunstanciais para migrar também modificaram-se de formas mais variadas possíveis, sendo por causas socioeconômicas, fenômenos naturais, e educacionais, fator enfocado no referido trabalho. Nesse sentido Becker (2006, p.326) afirma:

(...) conflitos religiosos, guerras Como fatores de repulsão estão representadas aquelas situações de vida responsáveis pela insatisfação no local de origem; Já os fatores de atração correspondem aqueles atributos dos locais mais distantes que o tornam atraentes.

São variados e peculiares os fatores que fazem um indivíduo sair do seu lugar e se deslocar para outro, muitas vezes desconhecido e repleto de diferenças, valores culturais, sociais e políticos, exercendo mutações na identidade de cada um, assim como também tais lugares sofrem mudanças constantes em sua paisagem, formas, e na cultura local, devido tais interações sociais.

Como aponta Massey (2008, p.198) “lugares são como associações heterogêneas, mudando todo tempo”. O ser humano é produto e produtor da sociedade, modifica e é modificado pelo espaço. Cada lugar apresenta sua organização social própria marcada pela diversidade de relações existentes.

Os movimentos pendulares para alguns autores diferenciam-se dos conceitos de migração. Conforme mostram Moura, Castello Branco e Firkowski (2005), citados por Randolph e Gomes (2007):

É importante entender que a “natureza dos deslocamentos pendulares difere substancialmente da compreendida pelos movimentos migratórios, pois não assumem caráter permanente, no que refere-se ao local de residência, embora ambos impliquem fluxos de pessoas no território.” (...) Excluem-se da migração os movimentos daqueles que não se estabelecem permanentemente no local de residência. Assim, enquanto a migração envolve mudança de residência, os deslocamentos pendulares caracterizam-se por deslocamentos entre o município de residência e outros municípios, com finalidade específica (...).

Nesse sentido, os deslocamentos pendulares de estudantes do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba encaixam-se nessa perspectiva de mobilidade pendular, ao migrarem diariamente, em busca de formação acadêmica ou preparação profissional, não estabelecendo residência com o lugar escolhido, mesmo que está seja uma alternativa feita por muitos dos alunos entrevistados ao longo da pesquisa, em detrimento da distância entre seus locais de origem e a Universidade.

2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO SUPERIOR

A Universidade é fruto de um longo processo de preparação que vai do século V ao XVII. Segundo Silva (1994) data-se que os primeiros profissionais do ensino superior apareceram na Grécia no século V a.C com cursos de retórica, medicina e filosofia, embora não mantivessem escolas como instituições. A educação grega foi adotada pelos romanos no século VI d.C sendo aplicada pela Igreja Católica.

É sabido que desde seu surgimento a Instituição - Universidade, sempre foi voltada e dirigida por uma elite nacional, tendo como objetivo primordial a busca incessante pela verdade e de unificar a cultura Ocidental no século XIV, entretanto, tal universidade cada vez mais indiferente e distante do meio social, não se renovava, mesmo assim almejando transformação no que diz respeito a sua amplitude e aplicabilidade como agente modificador da sociedade, é destacável a formação de profissionais nos chamados cargos cultos, nas áreas da igreja, direito, medicina e mais tardiamente nas engenharias. Tais cursos foram os primeiros a se estabelecerem na Europa do século XII; a pesquisa também começara a acontecer e não só o ensino no século XIX.

A Universidade de Berlim marca o início do novo cenário contemporâneo, tendo destaque também a experiência americana, ambas, bem sucedidas no que refere-se a maior proximidade e atuação em cunho social, a inovação traz consigo mudanças na organização espacial de cada lugar. Como aponta Silva (1994, p.18)

A Universidade tem sido concebida historicamente como agência do saber voltada para o cumprimento da tarefa de proporcionar em nível superior, o ensino, a pesquisa e a extensão, de acordo com os objetivos que pretende realizar no seio da sociedade da qual faz parte.

A Universidade no decorrer dos tempos passou a exercer influência e poder sobre a sociedade, contribuindo para a renovação da ciência, da pesquisa voltada para o desenvolvimento de cada lugar, e a partir do momento que o ensino ultrapassa os muros de cada instituição chegando mais perto da população passa a exercer enorme influência no crescimento e progresso nos diversos setores da sociedade.

No Brasil, a implantação do ensino superior foi marcado por lutas, contradições e desafios constantes, surgiu três séculos depois de seu descobrimento pelos portugueses, em 1808, com a vinda de D.João VI ao país. Inicialmente os estudantes brasileiros migravam para realizar seus estudos na universidade de Coimbra, fato minuciosamente planejado pelos

colonizadores, com o intuito de cortar os laços desses jovens com a pátria e sanar os anseios de independência do país, já que agora os mesmos possuíam uma visão mais crítica e ideais de liberdade.

A ambição de fazer da Universidade um órgão crítico que preserve as características de abertura e domínio do saber em fazer do processo de desenvolvimento, em geral, sempre esteve presente na história do Brasil (SILVEIRA, 1987, p.14).

O conhecimento é poder. Diante dessa perspectiva, é evidente que quando se tem indivíduos com uma visão mais ampla e questionadora, formada no meio acadêmico, independente do lugar de origem, forma-se uma sociedade atuante que exige mudanças, e atua conseqüentemente no desenvolvimento geral da nação.

A implantação das primeiras escolas isoladas de ensino superior no Brasil deu-se primeiramente no Rio de Janeiro e na Bahia, voltado para um público elitista e para atender as vontades da Corte. Os primeiros cursos implementados na então província foram medicina, engenharia, cursos na academia militar, marinha, artes, agronomia, farmácia e direito, de grande prestígio social.

O professor era temporário e distante da realidade do alunado, tinha apenas a mera função de transmitir os conteúdos, de forma apática cabia ao aluno assimilar, aprender, e praticar de maneira quase que autônoma o conhecimento passado, algo não muito diferente da realidade do ensino de hoje, que mesmo depois de séculos de reformas, manifestos e contradições para universalizar e democratizar o conhecimento, possui lacunas e desigualdades que fizeram-se ao longo do processo histórico e deixaram marcas que são inegavelmente “feridas abertas”, problemas nunca sanados, que se refletiram e reproduziram-se, contribuindo para a atual conjuntura educacional.

Contudo, Segundo SILVA (1994) a expansão no ensino superior brasileiro passou a ser institucionalizado em 1930, quando surgiram as Faculdades de Ciências, Letras e a Faculdade de Filosofia na Universidade de São Paulo (1934), Rio de Janeiro em (1935) assim como os cursos de licenciatura, expandindo o conhecimento para as disciplinas e áreas específicas, fenômeno esse, visto com desagrado por muitos.

A pesquisa e o ensino da Geografia no Brasil institucionalizaram-se depois da Revolução de 1930, após a classe média urbana e a burguesia ganharem mais notoriedade e força sobre o governo e diminuir o poder da classe burguesa agrário-exportadora. Desde então, os cursos de licenciatura, criados já tardiamente, sofrem rotulações por uma sociedade alicerçada sob aparências e estereótipos de poder, exemplificada na escolha de profissões

historicamente construídas e tidas como “superiores”, refletindo na desvalorização de outras profissões. Gaioso (2005) *apud* Moura e Silva (2007, p.7) diz que:

(...) enfatiza que o desejo de cursar a educação está intensamente vinculado a projetos de ascensão social e a bons salários. Quando esses projetos não se viabilizam na área escolhida, como é o caso do magistério, o aluno tende a abandonar a licenciatura em busca de outro mais valorizado socialmente.

A evasão no ensino superior é um problema grave, cíclico, e que gera prejuízos incalculáveis tanto para a instituição, quanto aos discentes. Segundo o Censo da Educação superior do INEP, a taxa de evasão anual média dos últimos seis anos é cerca de 22% em nosso país. De acordo com os números do MEC, 896.455 estudantes abandonaram a universidade entre 2008 e 2009, o que representa 20,9% dos alunos no Ensino Superior no momento, em média – ou seja, um em cada cinco alunos. Muitas vezes os alunos já imbuídos de uma sobrecarga de cobrança da sociedade, que desvaloriza uma classe que forma cidadãos em todas as áreas de ensino, abandonam os cursos de licenciatura construídos historicamente como profissões desvalorizadas de má remuneração em busca de outras áreas que contribuam para sua rápida ascensão social e aquisição financeira.

Nesse contexto conflituoso e de desvalorização profissional, somado ainda a outros aspectos pelas quais os docentes que migram diariamente convivem e que também se enquadra o Curso de Geografia (UEPB), fica evidente a necessidade de estudar tais implicações que também agregam-se a problemática principal da pesquisa., tendo em vista que para se compreender o todo, faz-se necessário primeiro conhecer os possíveis fatores corroboradores para o trancamento de matrícula ou abandono definitivo do curso, que segundo alguns estudos é um problema sistêmico perpassando por diversos eixos da sociedade.

As Instituições de Ensino Superior - IES, além do objetivo de produzir conhecimento acadêmico, profissional e cultural, empenham-se em ajustar-se à realidade do país, promovendo uma melhoria de vida na sociedade brasileira, “equipando tecnicamente as elites profissionais e proporcionando ambiente propício às vocações, cujo destino, imprescindível à formação da cultura nacional, é o da investigação e da ciência pura”. (Diário Oficial do Estado de São Paulo de 15 de abril de 1931, citado por Moraes e Theóphilo, 1991, p. 104). A universidade, teoricamente, além de capacitar indivíduos para atuarem em sociedade, cidadãos conscientes, críticos e sabedores de suas responsabilidades, prepara-os para a vida.

Cabe ao professor-educador interativamente aprender a aprender, aprender a ser, e aprender a ensinar despertando a criticidade nesse alunado, promovendo diálogos, discussões

consistentes a respeito dos problemas vigentes atualmente e o que será encarado futuramente ao deixarem a academia, e o ato de questionar, lutar por seus direitos e deveres são fundamentais para a preparação de tais discentes, enquanto indivíduos construtores de sua própria história.

A sociedade contemporânea clama por mudanças na sua conjuntura política, social, acadêmica, cabe as novas gerações estarem bem preparadas para decidirem o futuro da nação, com um alunado atuante, de olhar social, para produzir e reproduzir assim o que aprendeu em sala de aula, no seu contexto social, no espaço, saindo do âmbito acadêmico, das teorias aprendidas com uma postura crítica e preparados para encarar os desafios educacionais de uma realidade latente e contraditória.

É notório que o ensino público superior brasileiro, em meio às inúmeras mudanças e tentativas de reformas acadêmicas ainda tem-se muito a melhorar, crescer, contudo, os meandros pelos quais o ensino superior permeia especificamente o ensino das Universidades com cursos de licenciatura, levam a interrogações e perguntas recorrentes a respeito de preparação adequada nas IES (Instituições de Ensino Superior) para a formação do professor, a quebra de paradigmas educacionais que norteiam tal profissão e a realidade conflituosa pós-universidade.

Ao ingressar em sala de aula, muitos desses estudantes, despreparados, chocam-se com o que encontram, deparam-se com uma realidade um pouco diferente da que imaginavam, mesmo que tenham ocorrido investimentos e melhorias nos últimos anos, a muito a ser mudado, os problemas no ensino é cíclico e lamentavelmente estão longe de serem sanados. Enquanto os governantes eleitos e escolhidos democraticamente pelo povo, não derem a atenção devida a educação e a categoria, que é elemento base para o desenvolvimento de um país, com investimentos consistentes, respeito, qualificação adequada e valorização da classe perante o mercado de trabalho, os problemas, greves, e clamores por mudanças continuarão.

2.1 Da URNE A UEPB: Resgate Histórico da Instituição e do Curso de Geografia

A história da Universidade Estadual da Paraíba é marcada por fatos importantes, como crises, momentos impactantes que contam a trajetória da Universidade Regional do Nordeste (URNe), desde movimentos estudantis e lutas pela democracia da Instituição como também crises financeiras, o processo de estadualização, a conquista do ensino público e gratuito e autonomia financeira. Momentos extremamente importantes para o patamar que a universidade chegou atualmente, em meio a esses eventos que traçam paralelos com a história de muitas vidas e narram a importância dessa instituição para Campina Grande e toda a Paraíba e demais Estados brasileiros, vale destacar a força da instituição, sua contribuição social e na formação de indivíduos em diversos setores profissionais, como nomes de destaque no cenário nacional, entre eles grandes educadores, profissionais da saúde, advogados, representantes e militantes políticos, enfim indivíduos qualificados para contribuir com o crescimento e melhoria social não somente da Cidade de Campina Grande, mas também das regiões circunvizinhas.

Segundo Porfírio (2008) no início de 1966 em meio a crises que permeavam as faculdades de Filosofia e de Serviço Social, surgiu o interesse de se criar uma Universidade que juntasse algumas faculdades isoladas por ideia do então Secretário da Prefeitura de Campina Grande Edvaldo de Souza do Ó. A mesma funcionaria como uma autarquia municipal, assinando convênio com a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia (FUNDATEC).

Com a aprovação da Câmara de Vereadores, o então prefeito Williams Arruda, sancionou a lei nº 23 de março de 1966 que criava a Universidade Regional do Nordeste. Surge assim a Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNe) com sede em Campina Grande e funcionando em prédios cedidos pelo poder público Municipal e recebidos das faculdades que agora pertenciam a referida Instituição.

De 1966 a 1981 a Universidade foi afetada com graves crises econômicas no período de Ditadura e Golpes Militares, de perseguições ao ensino, a professores e a alunos que questionavam tal regime sendo os mesmos proibidos de estudar. Edvaldo do Ó exerceu o reitorado até 10 de abril de 1969, quando se abateu sobre a URNe a intervenção federal.

No início do ano de 1980 o país viveu uma fase onde a juventude brasileira vivia agitada, mesmo em meio ainda, a um Regime Militar, a cidade de Campina Grande respirava esse clima político, e os estudantes universitários participavam das eleições para representação geral dos estudantes que posteriormente seria anulada, gerando conflitos e

repercussão nacional, com intervenção nacional da UNE, no clima de medo poucos se expuseram contra as ordens da então reitoria, com o tempo novas chapas foram lançadas e a oposição da reitoria continuava, defendendo diminuição das mensalidades de até então, melhor ensino dentre outras reivindicações acompanhadas com clima de mudanças políticas nacionais pelas “Diretas Já”!

O ano de 1985 foi extremamente conturbado para a Instituição, com renúncias de reitor, greves de professores, funcionários, atritos entre docentes e estudantes, resultando em visita do MEC (Ministério da Educação), à Universidade para tentar solucionar a crise latente, e tem-se a primeira eleição para Reitor - O professor Sebastião Guimarães Vieira.

Vale ressaltar que as lutas do DCE no ano de 1987, na gestão do então governador Burity, deram contribuições valiosas na conquista por um ensino gratuito, melhorias educacionais, e estadualização da URNe, por meio de distribuições de panfletos, lutas, paralisações, presença em sessões públicas, abaixo assinados.

Segundo informações obtidas no endereço eletrônico da própria Instituição de ensino (UEPB), em meio a reivindicações e anseios por mudanças, lideranças políticas, professores, estudantes e funcionários da URNe articularam uma forte mobilização que levou o Governo estadual a promover a estadualização da Universidade. Conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: O governador Tarcísio Burity no momento da estadualização da Universidade.



Fonte: <http://www.uepb.edu.br> acessado em junho/ 2012

A estadualização da URNe foi um fato histórico da Instituição. No primeiro reitorado do professor Sebastião Guimarães Vieira, que a Lei nº 4.977, de 11 de outubro de 1987,

sancionada por Tarcísio de Miranda Burity, transformando a URNe em Universidade Estadual da Paraíba.

Conforme consta na página eletrônica da Instituição (2012) o professor Luis Gonzaga Melo, ex-Pró-Reitor de Planejamento da UEPB, relata que inicialmente pretendia-se, era a federalização da Universidade.

Todavia, um dos importantes fatos da história da Universidade Estadual da Paraíba foi o reconhecimento pelo Conselho Nacional de Educação do MEC. O reconhecimento aconteceu, quando a UEPB celebrava os 30 anos de surgimento daquela que lhe deu origem, a Universidade Regional do Nordeste no período do segundo reitorado do professor Itan Pereira da Silva. E o reconhecimento veio com a assinatura do Decreto pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, e definitivamente a UEPB passou à condição de Instituição de Ensino Superior.

No ano de 1996, de acordo com dados obtidos no site da Instituição, a UEPB já ganhava notoriedade e força, com mais de 11 mil alunos, 890 professores e 691 servidores técnico-administrativos; com 26 cursos de graduação, cursos de especialização, cursos de mestrado; além de duas escolas agrotécnicas, reunindo quase 400 alunos.

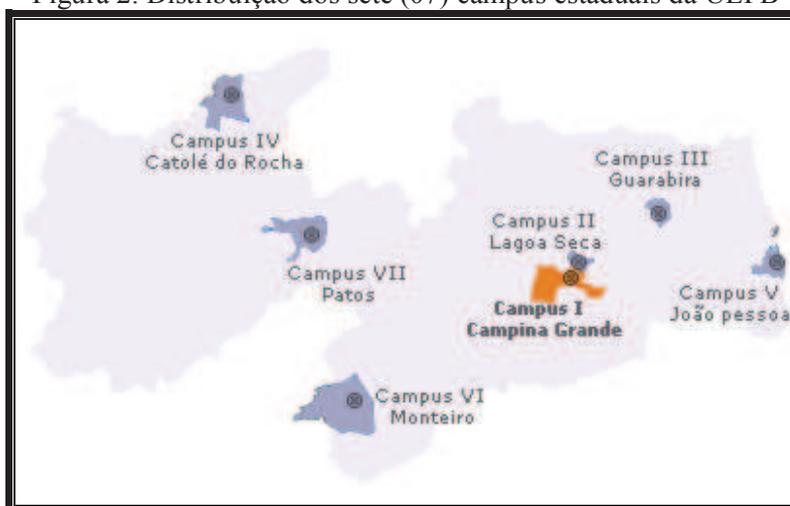
Outro marco relevante na história da Universidade segundo consta no site da Universidade, é o processo de autonomia financeira, concedida através da Lei nº 7.643, de 6 de agosto de 2004, sancionada por Cássio Cunha Lima, o então governador e ex-aluno e militante da UEPB. Entretanto, a Lei concedendo a Autonomia da UEPB só foi sancionada no ano de 2005.

A autonomia financeira representou uma conquista do ensino público e gratuito, com os devidos recursos financeiros para investir nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente a Universidade Estadual da Paraíba é reconhecidamente uma Instituição séria, atuante, que luta ainda por seus direitos e autonomia tão arduamente conquistada, e que prima por um ensino de qualidade, investe na pós-graduação e nas atividades de pesquisa e extensão e em programas que beneficiam a comunidade acadêmica.

Segundo a Figura 2, a Universidade está distribuída em sete (07) campus estaduais: Campina Grande (Campus I), Lagoa Seca (Campus II), Guarabira (Campus III), Catolé do Rocha (Campus IV), João Pessoa (Campus V), Monteiro (Campus VI) e Patos (Campus VII), sendo contemplada com um total de 46 cursos, desses 25 são no Campus I, 1 no Campus II, 5 no Campus III, 2 no Campus IV, 3 no Campus V, 3 no Campus VI, 4 no Campus VII e 3 no Campus VIII.

Figura 2. Distribuição dos sete (07) campus estaduais da UEPB



Fonte: <http://www.uepb.edu.br> acessado em junho/2012

O Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, alvo da pesquisa, está localizado em Campina Grande (Campus I) e segundo dados obtidos no Departamento de Geografia (DG) foi aprovado e autorizado em 28 de julho de 1974–RESOLUÇÃO CONSEPE-FURNe 016/74, sendo ministrado simultaneamente com o Curso de Licenciatura em Estudos Sociais. Reconhecido pelo MEC em 21 de novembro de 1983 (Diário Oficial), o Curso era mantido pela FURNe – Fundação Universidade Regional do Nordeste.

Em 1987, com a estadualização e gratuidade do ensino a URNe passa a ser denominada Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sendo esta reconhecida pelo MEC em 1996. Na oportunidade, o Professor visitante do Curso de Geografia e consultor Manoel Correia de Andrade, foi um dos relatores do processo de reconhecimento do Curso de Geografia dessa Instituição de ensino superior.

Segundo dados obtidos por meio de entrevistas com os primeiros discentes e professores do Curso de Geografia, desde sua origem o processo de mobilidade pendular fez-se presente, o Curso era composto por estudantes das mais diversas partes da Paraíba e até de Estados circunvizinhos, para o momento de desenvolvimento e crescimento do curso, segundo relatos, o número de discentes que migram diariamente aumentou significativamente, atualmente o curso agrega ainda mais estudantes de outros lugares, como aponta a Professora Ms. Marília Quirino Ramos:

(...) acredito que hoje verifica-se um aumento do número de estudantes de outras localidades, devido o projeto do curso, as melhorias e crescimento da própria UEPB, além dos incentivos e o reconhecimento do próprio curso de Geografia.

Atualmente o referido Curso agrega 22 docentes a seu quadro de professores efetivos e substitutos entre eles doutores, mestres, e especialistas e possui 472 alunos matriculados em dois turnos, e nos dois currículos (Currículo Antigo/anual) e (currículo Novo/semestral). Sendo que destes 287 são do turno noite (currículo velho e novo), vale salientar ainda que destes, atualmente (2012.2) 178 foram encontrados ou frequentam a sala de aula regularmente, sendo a pesquisa dirigida para alunos que migram diariamente deste total apresentado. O Curso ainda possui aproximadamente um número de 388 Monografias apresentadas – (período 2003.2-2011.1).

O Curso dispõe de quatro Laboratórios entre eles o Laboratório de Cartografia que contém: Coleção de 100 mapas políticos e temáticos (Mundo, Américas, Brasil, Regiões Brasileiras) 100 cartas topográficas Escalas: 1:25.000; 1:50.000; 1:100.000, 25 pranchetas para desenho, 05 GPS, 03 Mapotecas metálicas, 02 globos, 01 pantógrafo, 01 teodolito, 01 bússola, 01 altímetro. Além de possuir 5 laboratórios :

O Laboratório de Geoprocessamento contém: 20 computadores com processador CORE2DUO, com software spring, 04 computadores com o ARCGIS9.3.1, todos interligados à rede mundial de computadores.

O Laboratório de Energia, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável que dispõe de: 01 home theater, 10 data show; 05 computadores QUADRCORE, 01 Impressora laser profissional; 02 telas de exibição.

O Laboratório de Geologia/Geomorfologia: apresenta um acervo de rochas e minerais, e paleontológico, mapas, 05 blocos diagramas em alto relevo (geológico, geomorfológico, hidrogeográfico). Além de um Laboratório de Estudos Geográficos – LAEG e o Laboratório de Informática do Centro de Educação – LINC.

O Curso de Geografia mantém convênios/participação com alguns órgãos tais como: Museu Histórico Geográfico (1980) um convênio estabelecido entre UEPB - Prefeitura Municipal-Curso de Geografia, objetivando a difusão do conhecimento histórico- geográfico de Campina Grande, coleta de dados (participação de docentes e discentes bolsistas – PROMEMÓRIA - MEC) para elaboração de mapas urbanos do Município de Campina Grande.

No ano de 1991, o referido Curso constituiu-se de uma Comissão Interinstitucional (Curso de Geografia, Laboratório de “Geoprocessamento das Bacias de Piancó, Sousa e Rio do Peixe”. Em 1992 – Projeto Base Zero – Implantação de Barragens Subterrâneas da Secretaria de Planejamento do Estado da Paraíba.

O Curso já promoveu alguns eventos que merecem destaque: III Encontro Regional de Estudos Geográfico; VII Encontro Regional de Estudos Geográficos; I Encontro Paraibano de Geografia - Espaço Paraibano: Produção e Representação; I Encontro de Acadêmicos de Geografia; I Simpósio Integrador do Centro de Educação: Desafios da Educação no século XXI; e 4º Encontro Paraibano de Geografia – Ensino e Pesquisa; XVII Semana de Geografia– A Geografia e a Multidimensionalidade.

O Curso ainda dispõe de um jornal intitulado “Refazendo a Geografia” e uma revista eletrônica intitulada Conexão Geográfica; O Curso possui pós-graduação em Geoambiência e recursos hídricos do semiárido e pretensões para abrir outra especialização em Educação e um possível mestrado.

Segundo dados obtidos na Instituição o Curso de Licenciatura em Geografia possui como metas o ensino, pesquisa e extensão: Cursos de formação da educação básica; Cursos e mini-cursos para profissionais da área geográfica e áreas afins; Além de realizar palestras dirigidas às escolas e comunidades do município de Campina Grande e dos municípios circunvizinhos.

2.2. A Universidade: Um Lugar e/ou local de interações socioespaciais e da construção do saber

O processo de interação social acontece das mais variadas formas, o ato de migrar, conhecer lugares distintos, pessoas, caminhar, em detrimento de algum fim, ocasionalmente implicará dinâmicas e relações sociais em determinado espaço geográfico.

[...] as interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidade (CORRÊA, 1997, p. 279).

O Ensino Superior se constitui como um fator favorável para o deslocamento pendular de centenas de estudantes diariamente, que se deslocam de seus municípios e até Estados vizinhos em busca de conhecimento, uma formação profissional e, por conseguinte um espaço no mercado de trabalho tão competitivo e exigente.

Encarar tais desafios e entender o processo educacional e migratório como um elemento complexo que pode prejudicar o ensino, mas que através das trocas culturais, socioespaciais contribui para o enriquecimento e agregação de valores do Curso de Geografia e da própria Universidade. Um espaço que poderá assumir um caráter de lugar, ou seja, de apego com os estudantes, numa concepção identitária, ou simplesmente de local, como um ambiente, apenas de formação e busca por um diploma superior, sem apego ou fatores que agregam uma identidade a este local de estudo e preparação profissional. Giddens (1990.) apud Hall (2006, p.72)

O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas. (...) os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”. (...) Nas condições da modernidade..., os locais são inteiramente penetrados e moldados por interferências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.

O lugar assume características implícitas das relações ali exercidas, além da parte estrutural, do concreto, podem ser estabelecidas às relações de identidade, de afeto e apego, a Universidade. Nesse contexto pode assumir tais características, todavia, no local, tais relações

são distanciadas, esfriadas caracterizadas pelas ações e práticas não identitárias, e sem vínculos afetivos com o espaço geográfico.

De acordo com (RELPH, 1980 apud FERREIRA, 2000, p.67)

o espaço geográfico não deve ser entendido como uma lacuna aguardando para ser completada mas sim como "o lugar onde alguém está e, talvez, os lugares e paisagens de que ele se lembra" ou seja, "uma profunda e imediata experiência do mundo que é ocupado com significados e, como tal, é a própria base da existência humana" .

O espaço é um lugar praticado. Todavia, pode ser penetrado sofrer influências externas e internas. Cada lugar é assim, um arcabouço de acontecimentos, de sentimentos, de idas e vindas, estudar o espaço exige conhecer a multiplicidade de relações existentes, a Universidade, como centro de formação do saber pode ou não reunir tais características, ela porventura poderá unir, todavia, segregar, engloba gerações, guarda histórias e/ou estórias, inova, mas é tradicional, reúne constantes e particularidades em muitos aspectos. A figura 3 abaixo do Centro de Educação (CEDUC) pode representar ou reunir tais características, dependendo do significado que cada estudante atribui a esse espaço.

Figura 3. Prédio do CEDUC I

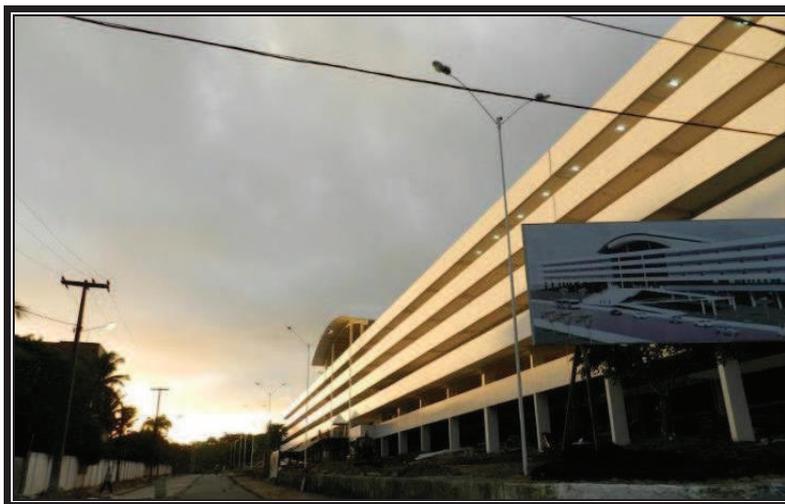


Fonte: Crisólogo Vieira. Junho/ 2010

Carlos (1996, p.30) julga que o lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolado, ao mesmo tempo em que se apresenta como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida.

Mesmo com a modernidade, modificações estruturais ou a mudança definitiva do prédio onde iniciou-se o Curso de Geografia para a nova central de aulas, os laços ainda assim continuarão, e mesmo que haja um esfriamento das relações e interações sentidas (em termos de local) as práticas sociais exercidas sempre acontecerão nesse novo espaço. Como se pode verificar na figura 4.

Figura 4. Nova Central Integrada de Aulas (CIA)



Fonte: João Damasceno. Agosto/2012

Os movimentos migratórios contribuem para tais dinâmicas e constante mutação paisagística do lugar, cada semestre letivo o Curso de Geografia, enche-se de novas personagens, vidas, realidades, identidades culturais singulares e ao mesmo tempo plurais, agregando valores ao lugar praticado dentro do espaço geográfico. Tuan(1983) apud Ferreira (2000, p.67)

(...) acrescenta que os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente (*insider*), e relações externas, próprias do turista (*outsider*). O lugar torna-se realidade, portanto, a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser definido através de uma imagem precisa, limitada.(...) Lugar se distingue, deste modo, de espaço. Este "transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" adquirindo definição e significado.

A Universidade dentro dessa perspectiva pode ser encarada como um espaço de práticas sociais, podendo ser sentida, um espaço dotado de valor, vivido e de dinâmicas tecidas pelas relações cotidianas entre estudantes, docentes e funcionários, ambos de realidades socioculturais e localizações geográficas contrastantes, todavia, com inúmeras

semelhanças, ideais e pretensões profissionais que se convergem em um único espaço, a Universidade Estadual da Paraíba, que diante desse contexto pode assumir um caráter de lugar para inúmeros indivíduos que utilizam de seus serviços e convivem nesse espaço, constroem laços e noções de pertencimento ao longo da graduação do Curso de Geografia.

(...) assim a análise de lugar envolve a ideia de uma construção tecida por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a constituição de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizatória que produz a identidade homem-lugar, que no plano do vivido se vincula ao conhecido-reconhecido.(...) A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo (CARLOS,1996, p.30).

À medida que os indivíduos convivem em determinado espaço, mantêm relações, identificam-se, estabelece-se vínculos com o local, este, transforma-se em lugar, a Universidade passa a ser um espaço produzido, sentido, de reconhecimento, de ligações e conexões combinantes, fazendo com que as relações se articulem e desenvolvam-se no plano do vivido ao longo do processo histórico, marcado pelas descobertas, propiciadas nesse espaço acadêmico, onde muda-se a estrutura, formas e a paisagem, contudo, o indivíduo também é mudado.

Isto é, o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. Isso porque a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis sem com isso eliminar-se as particularidades do lugar, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, formas de apropriação expressando sua função social, projetos, desejos. (CARLOS, 1996, p.30)

A Universidade como um “lugar” construtor do saber, exerce forte influência na vida de cada estudante, o prepara enquanto profissional, e também para atuar em sociedade. Faz parte do imaginário de inúmeros indivíduos, desperta o interesse de ingressar e conviver nesse espaço acadêmico, que mesmo renovando-se e adaptando-se as modernidades mantém laços através dos tempos e na memória de atuais e ex-alunos, cidadãos esses, que ao término da graduação tornam-se em sua maioria profissionais qualificados e com anseios de adentrarem no mercado de trabalho, contribuindo conseqüentemente para disseminação do conhecimento

adquirido na Universidade para outros lugares, corroborando assim para a função social da Instituição e produção e reprodução do conhecimento.

(...) A memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida em determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis. O passado deixou traços, inscrições, escritura do tempo. Mas esse espaço é sempre hoje como outrora um espaço presente dado como um todo atual com suas ligações e conexões em ato, A memória liga-se decididamente a um lugar. A memória aproxima, faz mover/retroceder o tempo. É o campo do irredutível, é o que permite ao passado se aproximar. Enquanto há o que recordar, o passado se enlaça no atual e conserva a vivacidade cambiante que significa uma ausência em presença (CARLOS, 1996, p.82).

As memórias de cada estudante revelam-se com elemento identitário do espaço vivido, das relações sociais construídas ao decorrer do tempo enquanto aluno da instituição, as amizades, os espaços habitados, e as experiências individuais e coletivas nesse contexto aproximam e o sentimento de pertencimento torna-se assim presente, nesse constante mover e retroceder. O lugar por onde tais estudantes passaram, viveram jamais serão apagados de suas memórias mesmo que se tente, as recordações boas ou ruins, sobreviverão no tempo espaço, isso é a arte de viver o lugar, o espaço sempre suscetível as mudanças nas formas. Paisagens dinâmicas.

A memória sempre estará atrelada a um passado vivido, mesmo que não mais se reconheça as pessoas, os amigos, os territórios delimitados enquanto estudantes, locais de conversas, tais espaços ainda assim serão lembrados, pois estão no inconsciente coletivo e individual de cada um, por meio de ligações, traços de experiências vividas.

2.3 Movimentos migratórios: o turista e as noções de lugar e não-lugar.

Para construir relações e uma identidade com o lugar é preciso vivê-lo, usá-lo, senti-lo através de práticas sociais e da apropriação do espaço. Diferentemente das práticas exercidas pelo turista que não assume nenhum vínculo e relações com o lugar, o desconhecendo. Para Carlos (1996, p.123/24)

(...) O turismo cria uma ideia de reconhecimento do lugar, mas não o seu conhecimento, reconhecem-se imagens antes veiculadas, mas não se estabelece uma relação com o lugar, não se descobre seu significado pois os passos são guiados por rotas, ruas preestabelecidas por roteiros de compras, gastronômicas, históricas, virando um ponto de passagem. O olhar viaja pela paisagem sem nada efetivamente notar, sem nada observar, conhecer, lugares assépticos sem cheiro, sem vida imagens fugida que se sucedem num fluxo de informações que se embaralham pelo excesso, pela diversidade, porque não são vividas, vivenciadas, vêm de fora para dentro, exteriorizam-se, pois o sujeito não se apropria - é preciso seguir os passos ao contrário, inverte-se o roteiro, perder-se nos lugares (...)

O turista, praticante de movimentos migratórios, assume uma postura passiva, direcionada e delimitada, ignorando a identidade de cada lugar, se fragmenta os lugares, se esconde o feio, seus costumes e priorizando a não-relação ou uma “falsa” identidade com esse espaço. No que se refere às práticas inerentes ao lugar, como conhecer, observar as particularidades, e as diversidade vivenciadas só através do contato interpessoal e da maior proximidade e reconhecimento do lugar. Afinal, o homem reconhece o lugar porque nele vive, convive, estabelece vínculos.

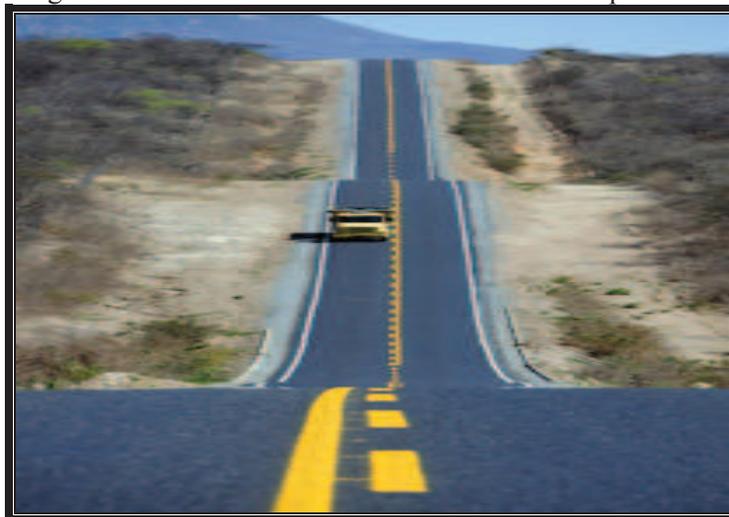
O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. “No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social”. Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si.

CARLOS (1996, p. 116)

Nessa perspectiva, os movimentos migratórios pendulares dos estudantes do Curso de Geografia convergem para a dialética em questão, tendo em vista a finalidade do movimento migratório, o ato de estudar, e a utilização da Cidade de Campina Grande-PB e da Universidade Estadual da Paraíba como lugares e/ou locais ligados a produção da vida social e acadêmica. Como se observa através da Figura 5, os trechos das rodovias PB-177 do

Curimataú e Seridó paraibano que ligam os municípios à cidade de Campina Grande, o destino cotidiano de inúmeros estudantes.

Figura 5: Rodovias- PB-177 -Curimataú e Seridó paraibano



Fonte: <http://www.blogdocelioalves.com.br> acessado em agosto/2012

Cada estudante advindo dos mais longínquos espaços geográficos, estão interligados por objetivos semelhantes, que contribuem para as mudanças paisagísticas e dinâmicas socioculturais desse espaço.

O ato de ir e vir, as mesmas viagens, as trajetórias repetitivas e rotineiras, o caminhar pelas ruas, os mesmos prédios vistos compassadamente estabelecem ligações com o espaço, bem como as mesmas estradas ligando municípios e não-lugares, o comércio improvisado, os cheiros das ruas, os sons das cigarras nas árvores, das conversas, tudo isso, já fazem parte do imaginário desses estudantes, bem como, as mudanças desses espaços acompanhadas cotidianamente assumem um valor simbólico com a Cidade e o sentimento de pertencer ao lugar. (LEFEBVRE, 1991 apud CARLOS, 1996, p.99)

Assim pode-se afirmar que o cotidiano é muito mais que o inconsciente fluir de dias sempre iguais; é no cotidiano que o cidadão se encontra diante de coações e vigilâncias; mas na repetição também pode surgir a essência do imaginário. (...) A música é mobilidade, fluxo, temporalidade e se fundamenta na repetição de motivos, temas combinados, intervalos melódicos e através dela há o surgimento de sentimentos desaparecidos, uma recordação de momentos acabados, evocação de ausências. Nesse sentido a repetição é também obra.

O caminhar pela Cidade, o barulho dos carros, das pessoas, da música, geram lembranças e com elas noções de pertencimento, marcam espaços fazem com que o lugar torne-se usado, um espaço de ação, conhecê-lo por meio das eventualidades que tais dinâmicas propiciam, é também aprender por imprevistos e por simples trajetos diários pelas estradas e ruas que ligam tais espaços até a Universidade.

A questão da improvisação, da espontaneidade liga-se ao nível do vivido que emerge e caracteriza o cotidiano de um determinado lugar, marcando sua especificidade, testemunhando a existência do movimento da análise dialética que incorpora o irracional, enquanto elemento fundamental do real, que articula o essencial ao acidental, a essência e a aparência. O imprevisto, o inusitado aflora pela rua e é passível de ser aprendido como elemento essencial ao entendimento do cotidiano e de sua superação. (CARLOS, 1996, p.102)

O ato de relacionar-se é inerente ao sujeito de ação, as interações ocasionais e movimentos ocorrentes por meio do tempo de consumo/estudo acarretam no uso de determinados espaços por inúmeros estudantes. Nesse aspecto (BAUDELAIRE apud CARLOS, 1996, p.102.) acredita que gozar a multidão é uma arte e o poeta, o passante solitário e pensativo, pois tem paixão pela viagem e sua alma está inteiramente aberta “à poesia, à caridade, ao imprevisto, que se mostra, ao desconhecido que passa”.

Por meio de um levantamento empírico cotidiano, através desses movimentos migratórios, os estudantes tornam-se parte de um todo, a partir do contato direto entende-se as contradições, entre os lugares, a organização dos espaços, do cotidiano, enquanto categoria de estudo, assim como, a reprodução social contrastante, entre os lugares que podem ser singulares, contudo contém traços globais. “Cada lugar se comunica instantaneamente com todos os outros, não experimentamos um pouco de isolamento a não ser no trajeto de um lugar para outro, isto é, quando estamos em lugar nenhum...” (CALVINO, 1979 apud CARLOS, p.1996)

Com os adventos da modernidade, todos os espaços estão interligados, os indivíduos são apresentados a um número de fluxos, de conexões antes inimagináveis, percorrem-se lugares, controem-se relações sólidas ou solúveis em ritmos alucinantes entre indivíduo/lugar/cidade baseados na construção de uma identidade e na noção de pertencimento ou não com determinado lugar. Entretanto, nesse intervalo entre municípios verificados por meio da mobilidade pendular de estudantes, também pode-se estar em lugar nenhum ou não-lugares. Como aponta (AUGÉ, 1994, p.77 apud CARLOS 1996, p.110/11)

O lugar tem um sentido estrito e simbólico, liga-se à idéia de espaço antropológico, que se refere sempre “a um acontecimento (que ocorreu) a um mito (lugar dito) ou a uma história (lugar histórico). Afirma também que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá como não-lugar”. No contexto dos não lugares o autor inclui os aeroportos, auto-estradas, as estações ferroviárias, os supermercados que aparecem como lugares de passagem, da não fixação, assim na sua definição de não lugar. Um espaço onde “nem a identidade, nem a relação, nem a história fazem sentido, onde a solidão é sentida como superação ou esvaziamento da individualidade, onde só o movimento das imagens deixa entrever, por instantes, àquele que as olha fugir, a hipótese de um passado e a possibilidade de um futuro”.

Os não- lugares, nesse contexto, caracterizam-se como a passagem, o percurso de um lugar/município para outro, para o viajante, no caso os estudantes que deslocam-se diariamente, rumo a cidade de Campina Grande Augé (1994) afirma que em muitos caso o viajante aparece para apontar o sentido final do não-lugar, como o de passagem, da não relação uma vez que o migrante constrói uma visão fragmentada daquilo que observa, e fixa em sua memória. Contudo, vale destacar que todos os lugares se comunicam, e que mesmo nas auto-estradas, *resorts*, ou em determinados ambientes um viajante pode ter sentimento de retorno, ou uma memória, uma relação de identidade.

A identidade, no plano do vivido, vincula-se ao conhecimento-reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ou as formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentaria feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos. Significa para quem aí mora “olhar a paisagem e saber tudo de cor” porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo - essa a diferença entre lugar e não-lugares. Assim o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição Carlos (1996, p.117).

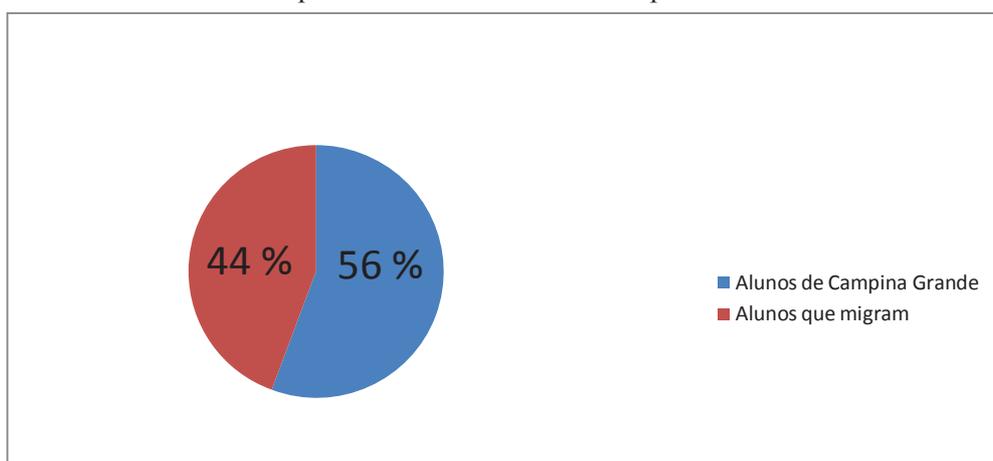
Cada espaço geográfico por menor que seja, contem sua história, seus traços sociais, suas peculiaridades, seus cheiros, seus sons, e conseqüentemente indivíduos que se identifiquem com o mesmo, é caracterizado por acumulações de paisagens, formas marcadas e remarcadas, pelo concreto, mas também por valores invisíveis aos olhares de um turista ou alguém que desconhece as relações ali um dia exercidas, entretanto podem ser sentidos por quem ali conviveu, produziu vínculos, estudou, no contexto acadêmico, ou vinculou-se com a cidade, tais marcas são fomentadas nas práticas sociais com esse espaço geográfico.

3. MOBILIDADE PENDULAR: suas implicações no processo de ensino aprendizagem e na formação do profissional de geografia

São muitos os fatores que contribuem para a migração de pessoas diariamente, principalmente a busca por Instituições educacionais, e em especial o ensino superior, responsável pelo fluxo considerável de jovens e adultos que se deslocam diariamente rumo a Universidade, enfrentando desde simples empecilhos até grandes desafios que se somados a fatores outros decorrentes da mobilidade diárias, podem causar grandes prejuízos e deveras implicações na formação desses discentes.

A mobilidade pendular dos estudantes se faz presente no Curso de Geografia (UEPB) e foi evidenciado por meio de um levantamento quantitativo e qualitativo com turmas de 1º ao 5º anos, turno noite, no qual se constatou o que já seria visível, a migração é uma forte realidade vivenciada por inúmeros estudantes. Como retrata o Gráfico 1.

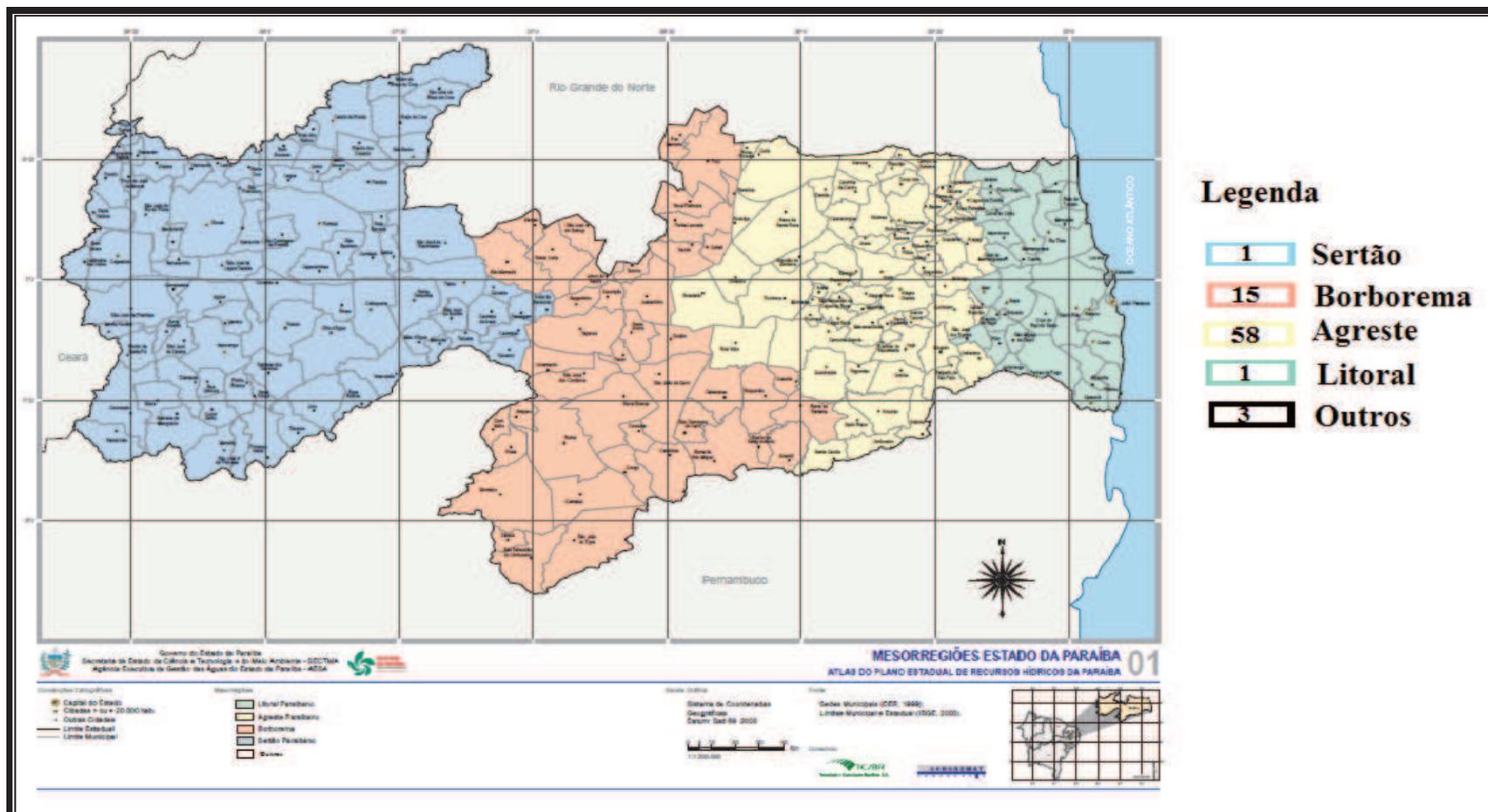
Gráfico 01 – Porcentagem de alunos do Curso de Geografia que migram diariamente e os que residem na cidade de Campina Grande -PB



Fonte: Jessé Geminiano Júnior, 2012.

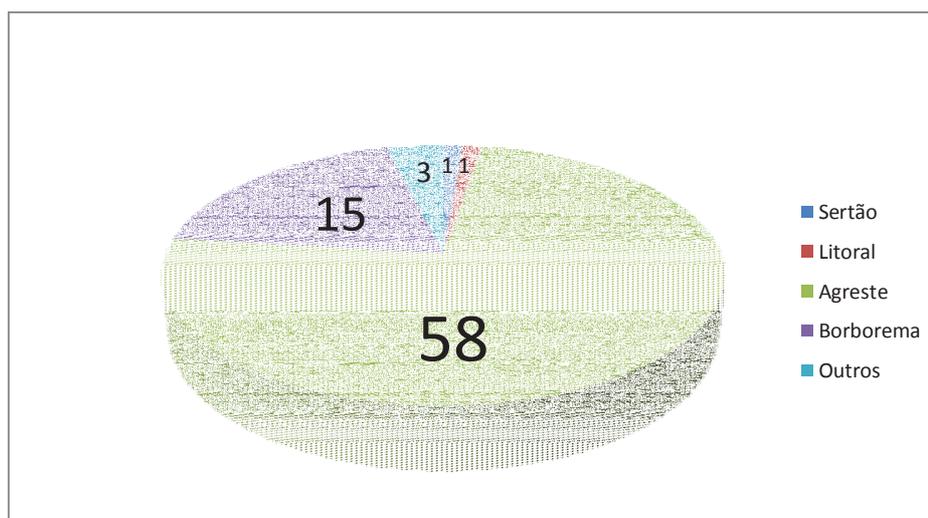
Verificou-se que dos 176 alunos matriculados no Curso e que frequentam regularmente as salas de aula, destes, 98 residem em Campina Grande, sendo 1 em residência universitária, e outro em apartamento, 78 residem em outros municípios paraibanos, sendo 3 em Estados vizinhos (2 em Santa Cruz do Capibaribe -PE e um no município de Equador-RN). Como pode-se enxergar com maior clareza na figura 6, pela distribuição de alunos por mesorregiões da Paraíba.

Figura 6 - Distribuição de alunos por mesorregiões da Paraíba.



Tais números só demonstram a heterogeneidade de relações, diversidade numérica dos estudantes que o Curso de Geografia detém, ambos de realidades geográficas distintas, e objetivos semelhantes, o estudo da ciência geográfica. A baixo, pode-se observar através do Gráfico 2 a quantidade de alunos por mesorregiões do Estado da Paraíba

Gráfico 02 - Quantidade de alunos que migram diariamente por Mesorregião



Fonte: Jessé Geminiano Júnior, 2012.

Segundo a pesquisa levantada se pode observar que o maior número de discentes são originários da mesorregião do Agreste Paraibano, seguido pela Borborema, Sertão e Zona da Mata, vale destacar que os estados de Pernambuco Rio Grande do Norte contribuem para tal levantamento quantitativo, Com 3 alunos que migram diariamente à Campina Grande.

São inúmeros os desafios enfrentados pelos estudantes que migram diariamente, como o cansaço e o desânimo em decorrência de horas de viagem em ônibus superlotados e sem refrigeração ou instalações devidas, as estradas esburacadas, que dificultam o traslado, são fatores evidenciados na pesquisa, que tornam a trajetória acadêmica desses estudantes ainda mais conflituosa. Como se pode verificar na figura 7.

Figura 7: Picuí até o entroncamento com a BR-104 - PB/ônibus dos estudante de Picuí



Fontes: <http://serradecuite.blogspot.com.br> acessado em agosto/2012
<http://vereadorolivania.blogspot.com.br> acessado em Agosto/2012

Os desafios podem parecer gigantes, contudo com eles vêm as superações e os empecilhos serão vencidos, a busca pelo saber e o desejo de estudar a ciência geografia conforme fora mostrado pelos alunos entrevistados faz-se presente e ajuda a tais discentes não abandonarem o Curso de Geografia.

A Geografia é uma ciência ampla, faz-se presente no cotidiano de muitos indivíduos, seja pelo desejo de conhecer o universo, os desafios ambientais, os territórios, os conflitos da sociedade, o turismo, os movimentos migratórios da população, ou simplesmente as atividades escolares de ensino regular. Nesse aspecto, o ensino geográfico pode contemplar todos esses requisitos atrelados com novas técnicas de estudo para compreendermos a realidade em que se vive, e grandes volumes de informações em detrimento da globalização, acarretando consequentemente mudanças sociais, nas formas de conhecimento, saber geográfico e sua popularização, formando assim cidadãos capazes de compreender e atuar no mundo em quem vivem, um espaço sempre em movimento.

A geografia tem como instrumental teórico capaz de dar conta da explicação da sociedade expressa, quer dizer, concretizada em um espaço construído do qual resulta uma paisagem. Esse território cheio de vida, de movimento da sociedade, precisa ser compreendido, precisa ser analisado e interpretado. (CALLAI, 2003, p.12)

Analisar o espaço geográfico resulta enxergá-lo de forma diversa, ampla com um olhar geográfico observando por muitos ângulos sociais e suas nuances, a ciência geográfica possibilita tais análises por meio de conceitos e categorias de estudo como o de lugar, paisagem, território e região, a fim de buscar e enxergar a interpretação de cada realidade, no sentido de que a geografia fornece o conhecimento e a análise da sociedade, repleta de movimento e práticas sociais.

Os movimentos migratórios agregam-se fundamentalmente ao ensino geográfico à medida que tais movimentos diários de estudantes do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, se enriquece de fundamentação e conhecimento empírico do alunado por meio de suas vivências sociais presentes nesse espaço, englobando assim, características desde o conhecimento de lugar e/ou local, verificação de paisagens constantes de diferentes espaços geográficos em detrimento do traslado diário entre municípios, bem como, o estudo de territórios, por meio de fronteiras físicas, sociais e limites regionais.

Levando em consideração todos os requisitos citados, entende-se que os estudantes que migram cotidianamente contribuem decisivamente para o enriquecimento do Curso de Geografia, tendo em vista a diversidade sociocultural e espacial dos mesmos a as variantes cognitivas que cada indivíduo possui e agrega ao universo acadêmico e ao curso, assim como aos conteúdos didáticos e as perspectivas que um fato geográfico pode ter, levando em consideração os dados da realidade local e as diferentes interpretações que cada aluno agrega à Geografia, em sala de aula.

O conteúdo repassado em sala de aula muitas vezes está distante da realidade vivenciada pelos estudantes que não relacionam acontecimentos locais com fatos globais. Como aponta Callai (2000, p. 85)

Muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.

Deve-se interligar a sala de aula com a realidade de cada aluno, para que haja uma ligação entre fatos e conteúdos da geografia, uma ciência sempre em movimento, onde tais discentes compreendem o espaço, pois o observam e o vivem.

O atual momento que o mundo vive, de transformações rápidas, e avanços técnico - científico informacionais, contribui também para novas posturas sociais, assim como a exigência de bons profissionais em todos os segmentos, no caso dos profissionais de

Geografia não seria diferente, o mercado necessita de professores- pesquisadores como uma visão de mundo diferenciada, mais dinâmicos, criativos e sempre adaptando-se a novas técnicas de ensino. Conforme sugere Callai (2003, P.13) “O mercado de trabalho está a exigir profissionais criativos e com grande conhecimento, mas, acima de tudo, com capacidade de engendrar soluções para os problemas que a sociedade sucessivamente vem apresentando”.

O Geógrafo necessita estar atento às mudanças metodológicas e em sua postura enquanto professor perante o mercado necessita se atualizar, estudar, aprendendo a aprender, buscar novas informações e de compreender, sobretudo, que as mesmas são continuamente renováveis e até mutáveis, assim como os lugares, em constante continuidade e evolução. “Vivemos num tempo de mudanças. Em muitos casos a sucessão alucinante dos eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem” (SANTOS apud CALLAI, 2003, p.15).

O mundo vive uma nova realidade global/local, seja nas dinâmicas sócio-culturais, econômicas e políticas ou também no ritmo que a informação ou conhecimento é dissipado por meio da globalização. Sendo assim, o professor de Geografia deve se aprimorar e atualizar-se sempre, afinal, o tempo não para.

Nesse sentido Andrade (1993) apud Callai (2003, p.16) destaca que:

O espírito de iniciativa [...] A criatividade de uma geração que vive um momento histórico dinâmico em que os objetos e as idéias envelhecem rapidamente, tornando necessário ao pensador, ao estudioso, uma grande capacidade de mudança, mudança que não será feita com o simples abandono do saber acumulado através de gerações, mas com a sua renovação, preservando o que se conserva atual e mudando o que envelheceu.

A formação do profissional - professor deve contemplar esses atributos, ser qualificado em conhecimento teórico, prático esta sempre atento as inovações, e fazer bom uso dos recursos didáticos-metodológicos em sala de aula, um profissional capaz de tratar e formar cidadãos capazes de compreender a realidade que vivem, mas, também responsáveis pelas possíveis mudanças sociais necessárias, em seu bairro, município, Estado, país, mundo. De acordo com Andrade (1993) apud Callai (2003, p. 17)

Um sujeito com sentido de pertencimento a um mundo, à uma sociedade, com uma identidade que lhe seja dada como ser social e com competência profissional, que saiba operar com o tradicional e novo, com o conhecido e o a descobrir-se, que consiga interligar o conhecimento produzido pela ciência à capacidade criativa de produzir o seu próprio saber. Um cidadão que consiga refletir sobre o pensamento universal e a realidade brasileira, que busque soluções para os problemas que a sociedade apresenta, procurando um equilíbrio entre o conhecimento da realidade brasileira, que é nacional e regional. Um cidadão que saiba reconhecer no cotidiano do lugar em que cada um vive, expressões locais e regionais de uma realidade que é global.

O processo de ensino aprendizagem e de formação do geógrafo deve contemplar esses aspectos, levando em consideração a realidade local e riqueza cultural agregada por meio dos alunos de Geografia que migram diariamente, cabe aos docentes por meio do processo de ensino aprendizagem transmitir e fomentar em cada um, a competência para refletir, discutir e gerar o saber necessário para atuar em sociedade, produzir e reproduzir o conhecimento, e os reflexos serão visíveis na atualidade e nas futuras gerações distribuídas em cada espaço que global e ao mesmo tempo local. Para tais feitos o estudante de Geografia deve ser preparado de maneira conjunta, equilibrada e continuada.

De acordo com Callai (2003, p.18)

[...] refletir a respeito da dimensão pedagógica na formação do geógrafo remete a que se pensem dois aspectos: o perfil desse profissional e o curso de graduação que o habilita. Isso requer que se tenha claro o que se espera de um geógrafo no mundo atual, para desenvolver o seu trabalho, como técnico, pesquisador e professor. A formação deve ser a mesma e isso vai estar na dependência de que tipo de curso que a Universidade oferece, desde a sua estruturação formal até o tipo de ensino e o desempenho do professor no interior da graduação.

Para que o ensino geográfico caminhe de forma adequada e compromissada com a formação dos estudantes, é necessário que o processo de ensino-aprendizagem se conduza de maneira interligada entre ensino e pesquisa e cabe a Universidade em conjunto se adequar e estar alicerçada como um corpo docente eficiente, uma boa estrutura física e com recursos didáticos diversificados, habilitando, por conseguinte profissionais que sejam capazes de atuar na área, e adequados com a atual realidade que o ensino se encontra.

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos [...]. Afinal, o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais. A televisão, a mídia em geral e os computadores (isolados ou conectados a redes) oferecem imensas possibilidades inovadoras ao professor. Cabe *trabalhar com esses recursos de maneira crítica*, levando o aluno a usá-los de forma ativa (e não meramente passiva). Mas não se pode negligenciar a linguagem escrita, pois ela representa toda uma herança cultural da humanidade, nela se aprende de forma mais eficaz a pensar e a conceber coisas novas (VESENTINI, 2008, p. 30-31 apud LIMA, 2011, p.23).

Para o ensino caminhar bem, é fundamental que seja trabalhado de forma equilibrada, respeitando as diferenças do alunado, uma boa estrutura física e de recursos, bons profissionais, mas, sobretudo que a Universidade forneça ferramentas que se combinadas com um corpo docente preparado e disposto, possa desenvolver em conjunto um bom trabalho que contribua de maneira ativa no desenvolvimento desses discentes.

Não se pode pensar um educador que não seja competente no domínio técnico-científico de sua área de atuação docente, um professor que não entende do que ensina. E não se pode justificar a formação de um profissional de nível universitário que não saiba lidar com pessoas e grupos, que não consiga construir com os sujeitos interessados os acontecimentos e as capacidades que lhes concernem e competem. MARQUES (1992, p.162) apud CALLAI (2003.p.21)

O professor deve ter uma boa base, construída ao longo de sua jornada acadêmica, fundamentada não tão somente na Instituição na qual estudou, contudo, também no seu empenho individual, buscar instruir-se, nas vivências, troca de informações e interações com o alunado, desempenhando um trabalho coletivo, respeitando as diferenças do alunado, mas, sobretudo habilitando estes alunos ao exercício profissional.

Para isso ocorrer é necessário saber lidar com esse alunado, quebrando estereótipos da prática docente, excluindo os medos, os fantasmas, e as utopias que rondam à sala de aula, mostrando-os a realidade docente, todavia, motivando-os e os conscientizando a respeito das possíveis dificuldades ou problemas inerentes a profissão escolhida.

Nesse sentido, à prática de ensino e o estágio supervisionado como requisitos do curso fazem-se necessários e são de extrema eficácia na grade curricular do Curso de geografia, sobretudo, porque quebra-se a dicotomia existente entre teoria, métodos e prática escolar, cuja dificuldade fora veemente citada pelos alunos entrevistados, levando em consideração que

muitos deles temem exercer a profissão de professor, mas apesar das dificuldades que a profissão enfrenta a maioria dos alunos entrevistados ainda pensam em segui-la.

A problemática que envolve a profissão de professor contribui para que muitos jovens abandonem o curso, a baixa remuneração, a falta de investimento e a desvalorização histórica pelos quais os profissionais enfrentam, bem como o despreparo dos discentes para à pratica docente são fatores que impulsionam o abandono da profissão, nesse sentido é fundamental que os futuros professores, além de serem preparados teoricamente para a prática docente, é necessário que todos conheçam a realidade em sala de aula, o universo escolar, bem como o que vão encontrar ao deixarem a Universidade. Nesse sentido, Piconez (1991) apud Passini (2010 et al. p.27) afirmam que:

A prática de ensino e estágio estão presentes em todos os cursos de licenciatura, e devem ser considerados como a instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores. Assim, são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação das teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas.

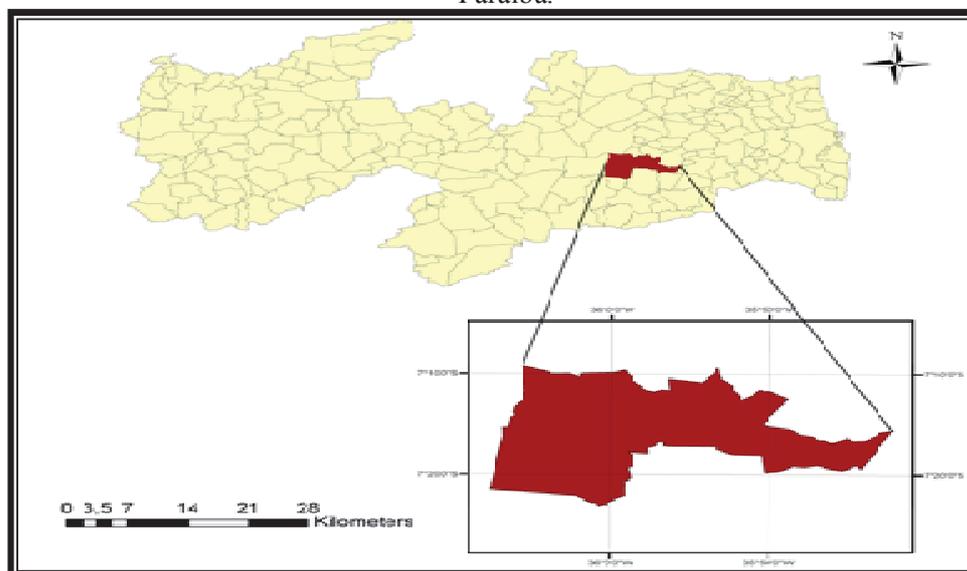
Os conhecimentos adquiridos na Universidade e nas práticas em sala de aula por meio do estágio supervisionado dão importantes subsídios e preparam o futuro profissional para a atuação no mercado de trabalho.

4. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

4.1 Localização geográfica da Cidade de Campina Grande

O Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba está localizado na cidade de Campina Grande-PB que de acordo com Rodriguez (2002), está situado na Zona Oriental do Estado da Paraíba, no Planalto da Borborema, e na mesorregião do Agreste Paraibano a $7^{\circ} 13' 11''$ de latitude Sul e $35^{\circ} 52' 31''$ de longitude Oeste de Greenwich. Sua altitude está em torno dos 551m. Na figura 8, pode-se verificar a localização do município de Campina Grande.

Figura 8 - Localização do Município de Campina Grande, situado no Estado da Paraíba.



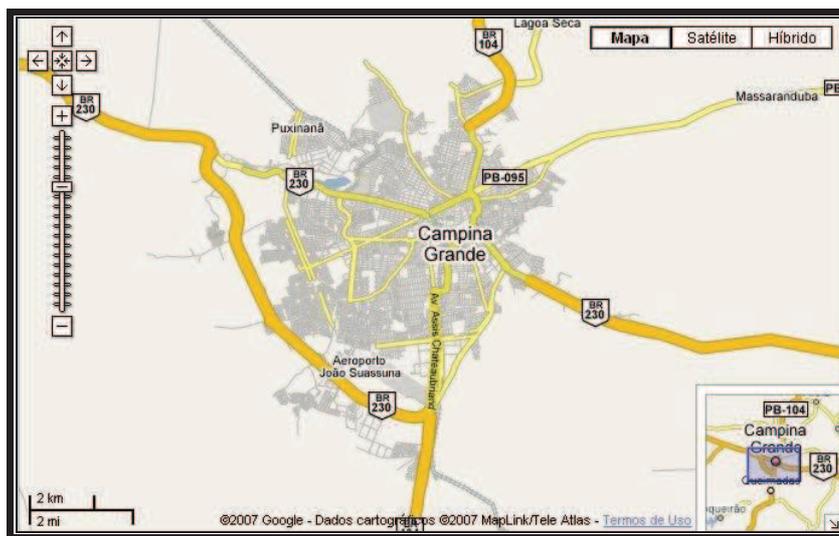
Fonte: Jório Bezerra Cabral Júnior /2012

O Município de Campina Grande se limita ao Leste com Riachão do Bacamarte, a Oeste com Boa Vista, ao Norte pelos municípios de Pocinhos, Puxinanã, Lagoa Seca e Massaranduba e ao Sul com Boqueirão, Caturité, Queimadas e Fagundes. O Município ainda conta com três distritos: Catolé de Boa Vista, São José da mata e Galante. Sua área geográfica é de aproximadamente 970 Km², desta 35% encontra-se dentro do perímetro urbano da cidade, uma área de 340 Km²., em 56 bairros que crescem a cada dia.

Na figura 9 pode-se observar as rodovias que dão acesso ao município e que diariamente servem se passagem para muitos estudantes, atraídos com intuito de estudar, aumentando as dinâmicas na cidade, o fluxo de pessoas e por consequência gerando serviços

seja no comércio ambulante ou privado e contribuindo direta ou indiretamente para o crescimento da cidade.

Figura 9 - Imagem das rodovias que dão acesso a Campina Grande-PB



Fonte: <http://www.blogdocelioalves.com.br> acessado em agosto/2012

Segundo o IBGE (2010) o município tem 383.941 habitantes, com uma densidade demográfica de aproximadamente 597 habitantes por Km².

A cidade é considerada uma das mais importantes do Nordeste, foi fundada em 1º de dezembro de 1697 sendo elevado à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864. É destaque no ramo de comércio, indústria, serviço e um pólo educacional, abrigando varias instituições de ensino público e privado. A cidade destaca-se na educação e diariamente muda sua paisagem urbana com o grande fluxo de estudantes, que vêm atraídos pelas descobertas, com sonhos e anseios de se formarem ou até residiram em campina Grande futuramente e quiçá aturem no mercado de trabalho nessa cidade tão acolhedora.

4.1.2 Localização e caracterização da Universidade Estadual da Paraíba

O Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, localizado em Campina Grande, leva o nome do economista Edvaldo de Souza do Ó, um dos que participaram da fundação da Instituição. Em julho de 1966, Edvaldo do Ó foi eleito vice-reitor e mais tarde assumiu a reitoria da Universidade Regional do Nordeste, que veio se tornar UEPB e exerceu o reitorado até 10 de abril de 1969. O campus I é a sede da Reitoria e da Administração Central da UEPB, onde funcionam suas pró-reitorias e principais coordenações. Abriga cinco centros: CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde), CCT (Centro de Ciências e Tecnologia), CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas), CCJ (Centro de Ciências Jurídicas) e CEDUC (Centro de Educação) até então os cursos estavam distribuídos em prédios por toda a cidade de Campina Grande.

O Curso de Geografia, estava situado até o primeiro semestre de 2012, no Centro de Educação – CEDUC I, desde sua criação até os dias atuais na Rua Antônio Guedes de Andrade, nº 190, no Bairro do Catolé- Campina Grande –PB. Um prédio com estrutura precária e instalações deficientes conforme mostra a figura 10.

Figura 10- Prédio do CEDUC I-Centro de Educação e salas de aula



Fonte: Crisólogo Vieira. Junho/ 2010

Todavia, vale ressaltar que o antigo prédio do CEDUC I- Centro de Educação mesmo sendo um lugar e/ou local acolhedor, de onde surgiram inúmeros profissionais da Educação que atuam em toda Paraíba e outros Estados brasileiros.

A Universidade, segundo aponta os alunos entrevistados, passa a não ser um local inerte, um ponto de localização geográfica de fenômenos ou apenas da busca por um diploma

superior, assume características que englobam noções de pertencimento e apego, de lugar possui uma história, uma identidade própria construída ao longo do tempo por meio das relações de apego, laços de amizade, lembranças por quem estudou, trabalhou e deixou sua marca nesse espaço, e que apesar dos avanços dos últimos anos, era carente em estrutura física e de recursos, (Figura 11) e como aponta os estudantes e professores entrevistados do Curso de Geografia, a mudança para um novo prédio era um desejo comum se fazia necessária .

Figura 11 - Laboratório de informática e biblioteca do antigo CEDUC I

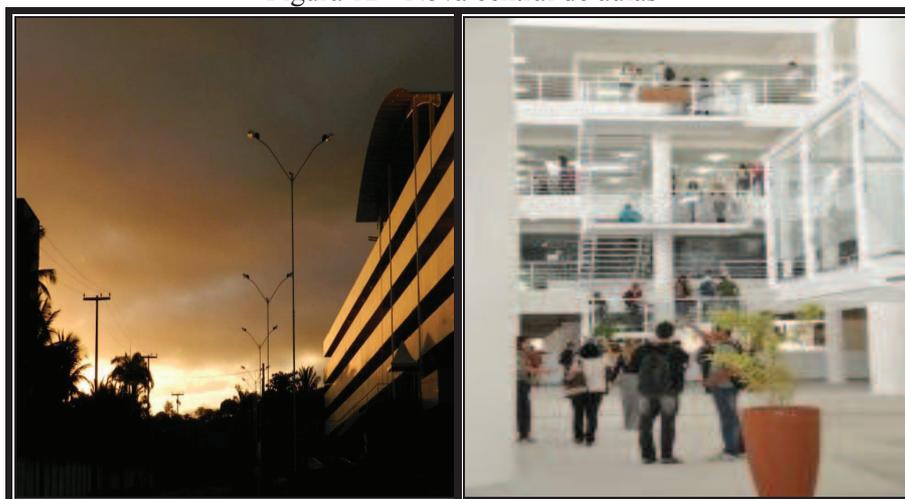


Fonte: Crisólogo Vieira. Junho/2010

Contudo, desde o dia 13 de agosto de 2012, foi ativado o Centro de Integração Acadêmica da Instituição, construído no Campus I, em Bodocongó, com uma estrutura ampla, que abriga com exceção do Curso de Ciências Jurídicas (Direito), os demais cursos do Centro de Educação (CEDUC) Geografia, História, Pedagogia, Filosofia e Letras e do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) - Comunicação Social, Serviço Social, Administração e Ciências Contábeis passaram a funcionar no Centro citado.

A nova Central de Aulas, como retrata a figura 12 é uma estrutura grandiosa, um espaço amplo, dinâmico e que comporta devidamente os estudantes, integrando-os e contribuindo teoricamente para o melhor aprendizado.

Figura 12 - Nova central de aulas



Fontes: João Damasceno e <https://www.uepb.edu.br> respectivamente. Adaptado por Jessé Geminiano Júnior. Agosto/2012

É evidente que inicialmente, o novo espaço causa estranhamento, pois é novo, a maioria dos alunos entrevistados alegaram que algumas mudanças ainda são necessárias, como estacionamento adequado, praça de alimentação, melhorias no acesso, além da sensação da frieza das relações existentes e o sentimento de desterritorialização ou noção de pertencimento com o novo prédio, sentimentos comuns para quem muda de lugar e/ou local.

Segundo Haesbaert (1993, p.182) houve um processo de desterritorialização.

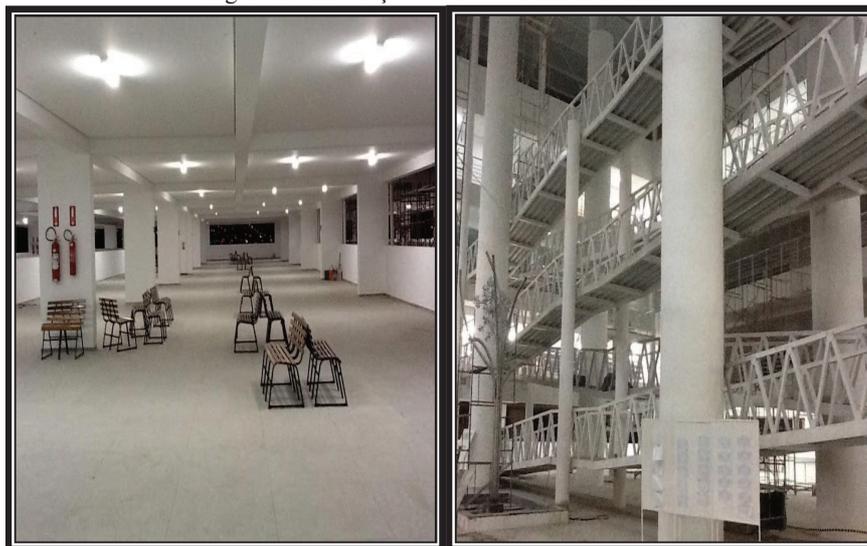
Um processo de desterritorialização pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material - político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticas de integração.

Nesse sentido, toda mudança causa impacto, e pode ser ocasionada por diferentes fatores, a perda de identidade, ou sentimento de não pertencimento inicial com o novo espaço é proveniente do apego e dos laços construídos ao longo do tempo com o antigo espaço, e à medida que o tempo passa, o indivíduo continuará se “libertando” das heranças, e dos valores simbólicos, e adaptando-se e construindo uma nova história.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Bauman (2005, p.35)

As mudanças para espaços novos acarretam o medo, e são retratadas através da Figura 13 (Nova Central de Aulas), pois a saída da zona de conforto (CEDUC I) traz a ansiedade, porém o desejo pulsante da descoberta, do novo, de transformações, das promessas, faz-se necessárias; É compreensível um estranhamento inicial, as dúvidas, insatisfações, bem como, opiniões díspares sobre um espaço ainda em adaptação e pouco definido. As divergências também são importantes numa sociedade para manter-se o equilíbrio.

Figura 13- Instalações da Nova Central de Aulas



Fonte: João Damasceno adaptado por Jessé Geminiano Júnior. Agosto/2012

Segundo dados obtidos no site da Instituição “O novo espaço acadêmico abrigará mais de 5 mil estudantes e ocupa uma área de 22 mil metros quadrados e possui cinco blocos com 140 salas de aula, três auditórios bem equipados, com capacidade para 130 lugares cada um, duas bibliotecas, com espaço para leitura, centro de Vivência com mais de 3 mil metros quadrados, quatro laboratórios de informática, para cada graduação, livraria, administração dos cursos e espaços com cantinas e lanchonetes”.

As amplas salas de aulas e a biblioteca - figura 14, da nova Central de Aulas são pontos positivos apontados pelos estudantes, embora o acervo de livro é deficitário e necessita de renovação e ampliação de obras

Figura 14 - Imagens das salas de aulas e biblioteca da nova Central de Aulas



Fonte: <https://www.uepb.edu.br> - adaptado por Jessé Geminiano Júnior. Agosto/2012

A quantidade e o espaço amplo das salas de aula são elementos importantes na prática educativa, diferentemente do que acontecia do antigo prédio do CEDUC I, com sala com instalações inapropriadas, e muitas vezes alunos sem terem onde estudar. Tais melhorias verificadas na nova estrutura acarretam maiores interações e estimula o alunado a estudar e produzir conhecimento, um espaço amplo que facilita e contribui para o melhor ensino e aprendizado. Assim como desperta o orgulho de estar em um espaço bem apresentável e compatível com a grandeza da Instituição. Todavia, é sabido que apenas boas instalações, riqueza de ferramentas didáticas, não bastam para o ensino caminhar de forma eficaz, é necessário equilíbrio e trabalho conjunto.

É evidente que os problemas sempre existirão, todo curso superior possui suas limitações, todavia as potencialidades e o desejo constante por melhorias são evidenciados, isso com um corpo docente comprometido, alunos participativos, uma direção e reitoria eficiente, e boas ações do Governante estadual, um trabalho em conjunto para o desenvolvimento sempre crescente.

5. A PESQUISA E SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS

No que se refere aos procedimentos metodológicos o trabalho teve como método aplicado o Materialismo Histórico-Dialético. “Marx (1818 -1893) e Engels (1820 - 1895) usam como base de compreensão da relação espaço-tempo, a matéria em movimento em suas múltiplas manifestações”:

(...) O movimento é a forma de ser da matéria. Nunca em nenhuma parte, existiu e nem pode existir matéria sem movimento. (...) O movimento em seu sentido mais geral, concebido como forma de existência, como atributo inerente a matéria, compreende todas as transformações e processos que se produzem no Universo, desde as simples mudanças de lugar até a elaboração do pensamento (OLIVEIRA *apud* SILVA, 2011, p.21)

Estudou-se a mobilidade pendular dos estudantes do Curso de Geografia (UEPB) levando em consideração as variantes e os reflexos no processo de ensino aprendizagem inerente a tal processo. Ainda na pesquisa lança-se mão de outras abordagens, como a fenomenologia, a fim de aproximar o arcabouço teórico da realidade estudada. Para (Masini *apud* Oliveira e Cunha, 2008, p, 6/7)

O método fenomenológico é centrado no ser humano, especificamente na análise do significado e relevância da experiência humana. O ponto de partida da investigação fenomenológica é a compreensão do viver do próprio homem. (...) O homem, imprime sentidos ao mundo, ao ser capaz de intuir, tendo intencionalidades, orientando significações sobre tudo aquilo que vai experienciando em sua existência. O pesquisador deve assumir uma atitude neutra, não no sentido de negar o mundo ou as experiências, mas sim, de refleti-los e questioná-los da maneira própria. Isso possibilita o emergir do sentido de fatos que não tinham sido antes adequadamente observados e analisados. O método fenomenológico trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto. Desvendar o fenômeno além da aparência.

A pesquisa também utilizou o método fenomenológico tendo em vista as relações estabelecidas pelos estudantes na Universidade, as experiências, os vínculos construídos, seu olhares sobre o curso e a Instituição são elementos sentidos, levando em consideração não apenas o que é aparente, mas o que vem a posteriore.

Ainda como método aplicado, houve a necessidade de um levantamento quali-quantitativo como forma de estabelecer uma análise o mais próximo possível do quadro real de estudo. O método quantitativo obedece ao paradigma clássico (positivismo) que alia trabalhos de matemática e lógica, indutivo, generalização, enquanto o qualitativo segue o

paradigma chamado alternativo ressaltando os fenômenos que estuda bem como as ações dos indivíduos, de forma dedutiva, com particularidades em contexto social.

(...) Os estudos orientados pela doutrina positivista são influenciados inicialmente pela abordagem das ciências naturais, que postulam a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações causa-efeito, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação, que permitem chegar a verdades universais. Sob esta ótica os resultados da pesquisa são reproduzíveis e generalizáveis (HAYATI; KARAMI; SLEE, *apud* TERENCE, FILHO, 2006, p.1/2).

De acordo com o positivismo, a lógica e a matemática seriam necessárias por estabelecerem as regras da linguagem, constituindo-se um conhecimento inicial, independente da experiência. E o conhecimento empírico é obtido a partir da observação e de forma indutiva. Já na abordagem qualitativa é necessário de aprofundar no estudo, considera-se o contexto social no qual seu objeto de estudo está inserido, as particularidades existentes, bem como a interpretação e contato direto do pesquisador. A este respeito Alves et al, *apud* Terence, Filho (2006, p.2)

Na abordagem qualitativa, o pesquisador procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. Assim sendo, a interpretação, a consideração do pesquisador como principal instrumento de investigação e a necessidade do pesquisador de estar em contato direto e prolongado com o campo, para captar os significados dos comportamentos observados, revelam-se como características da pesquisa qualitativa.

Desta maneira, os usos de técnicas qualitativas ganham destaque. Vale salientar que a pesquisa qualitativa não se restringe ao uso de um método, todavia, permite adotar uma diversidade de procedimentos e técnicas.

A realização desse estudo sobre a mobilidade pendular dos estudantes de Geografia (UEPB) foi feita seguindo alguns procedimentos: foram realizadas entrevistas e aplicação de questionários com os estudantes e professores do curso de geografia da Universidade Estadual da Paraíba, além de levantamento bibliográfico e levantamento de dados no DG (Departamento de Geografia) bem como a observação *in loco*, e registros fotográficos.

A pesquisa divide-se basicamente em três momentos: o primeiro que visa discutir o processo de migração-mobilidade pendular, e suas consequências imediatas no processo de

ensino aprendizagem e dinâmicas do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

É alvo do trabalho, identificar de onde vêm tais discentes, conhecer suas realidades, entender as causas que os motivam a permanecerem neste processo migratório; Bem como, os conflitos enfrentados por esses discentes ao longo de cinco (05) anos de curso, as superações, e seus olhares a respeito do próprio curso e da Universidade como um todo.

A segunda parte da pesquisa discute o surgimento da Universidade e resgate histórico do curso de Geografia (UEPB) até os dias atuais; e por último, delineamos um debate conceitual acerca da principal categoria lugar, utilizada no estudo, bem como uma análise das principais informações obtidas através do trabalho de campo. Por fim, far-se-á uma discussão a respeito dos tópicos anteriormente debatidos, visando analisar os processos pelos quais a Universidade passara os desafios educacionais do profissional professor bem como mostrar as conquistas e os desafios da classe estudantil que migra em direção a cidade de Campina Grande. Foram feitas entrevistas com 10 professores do Curso de Geografia e aplicação de 78 questionários e entrevistas aos alunos que migram diariamente.

Analisar tais aspectos e suas implicações no processo de ensino aprendizagem são elementos que nortearão a efetivação da pesquisa, que servirá como instrumento embarador do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

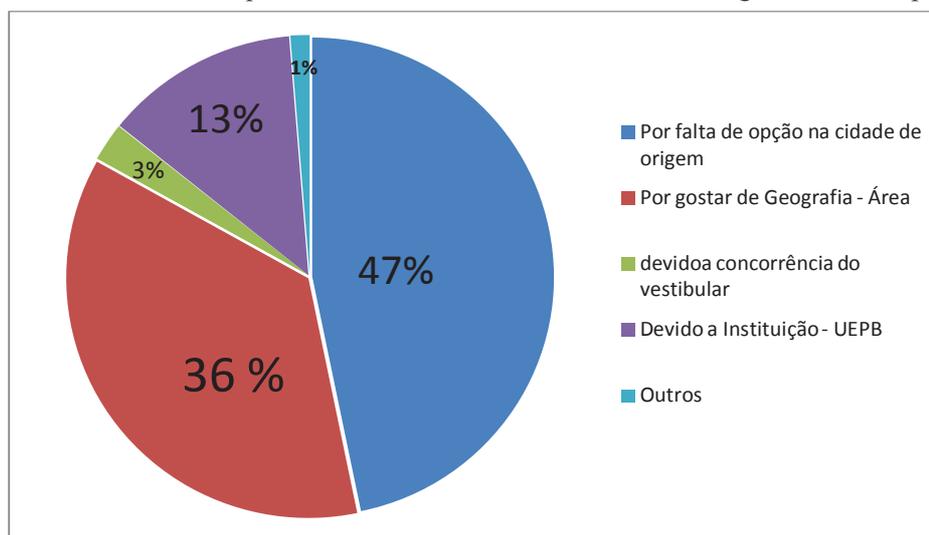
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo realizado constatou que a migração está diretamente ligada com a história da humanidade e se faz presente até os dias atuais, mudando apenas perspectivas e fatores de atração ou repulsão para que tal processo migratório ocorra. As mudanças constantes pelas quais o mundo globalizado passa, exigem rapidez, dinamismo e a procura desenfreada pela informação, busca por conhecimento e melhores condições de vida, e assim caminha a humanidade, sempre migrando, flexível, dinâmica.

A necessidade de se analisar os movimentos migratórios diários dos estudantes de Geografia (UEPB) surgira da inquietação e da vontade latente de ser estudar uma realidade vivenciada por centenas de estudantes que se deslocam paulatinamente de seus municípios e estados circunvizinhos, com destino à cidade de Campina Grande-PB, enfrentando horas de viagem, cansaço, perigo, desmotivação e mesmo assim não desistem de seus ideais e busca pelo conhecimento e por um campo de atuação profissional.

Levando-se em consideração as variáveis motivacionais que fazem com que tais estudantes se desloquem diariamente, foram-lhes perguntado os motivos que os levam a migrarem diariamente e cursar Geografia em Campina Grande. O Gráfico 3 esclarece alguns questionamentos iniciais

Gráfico 3 - Fatores que motivaram a escolha do Curso de Geografia em Campina Grande

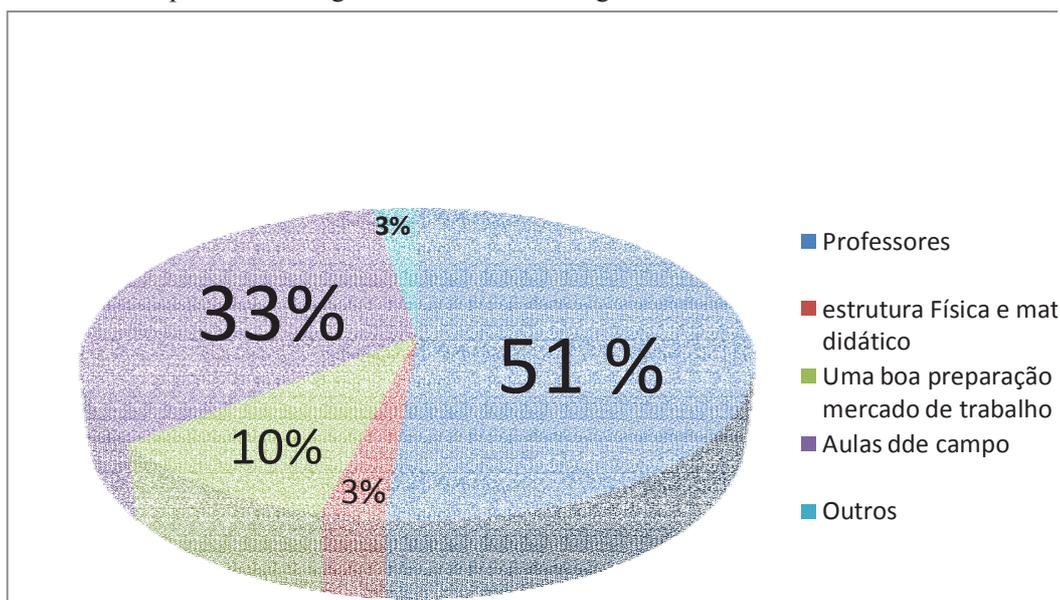


Fonte: Jessé Geminiano Júnior, 2012.

Os fatores de repulsão ou atração de uma cidade para fazer com que muitos indivíduos na maioria jovens entre 18 a 25 anos migrem diariamente são peculiares de cada realidade municipal e/ou estadual, na pesquisa com os estudantes do Curso de Geografia, foi constatado que a falta de opção de estudo em seus municípios de origem é o fator mais importante para que se migre, seguido, pela preferência da área geográfica, e importância da Instituição de ensino.

Os movimentos pendulares dos estudantes de Geografia (UEPB), turno-noite, oriundos de diversos municípios paraibanos e de Estados circunvizinhos analisados no decorrer do trabalho, esclarecem alguns questionamentos e perguntas evidenciadas ao longo deste estudo. Verificou-se que os interesses dos estudantes, bem como suas necessidades e preocupações são relevantes e de acordo o Gráfico 4 foi evidenciado que:

Gráfico 4 - O que mais lhe agrada no curso de Geografia – UEPB.



Fonte: Jessé Geminiano Júnior, 2012.

Se constatou que tais discentes sentem-se compromissados, valorizam e identificam-se com alguns professores, valorizam a importância da Instituição (UEPB) e buscam por um ensino de qualidade a fim de exercerem uma carreira promissora, se identificam com o curso, aulas campo e a área de estudo que o mesmo abrange. E conforme os professores entrevistados citaram contribuem para o enriquecimento do Curso de Geografia com suas experiências da realidade vivida-comunidade, experiências profissionais - na cidade, assim como os problemas em sala de aula, que são reflexos nas discussões e construção do saber.

A esse respeito à professora efetiva e que também foi aluna da Instituição Joana D'Arc (2012) afirma:

“Os alunos que migram diariamente são compromissados, pois enfrentam muitas dificuldades desde problemas para entregarem o trabalho no prazo, perda de aulas, por dependerem do ônibus escolar, vivem em situação de risco e mesmo assim não desistem, possuem motivação, e são determinados, além disso, contribuem para com o curso seja com suas experiências de vida até temáticas variadas de monografias com suas realidades locais”.

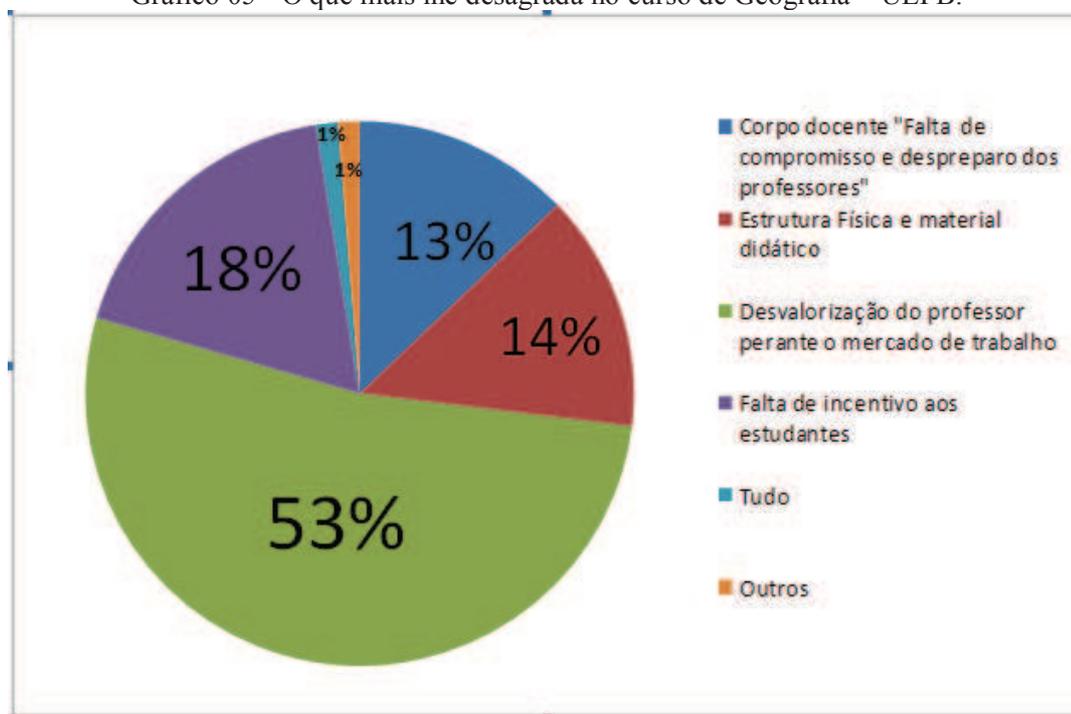
Vale ressaltar que tais discentes contribuem direta ou indiretamente para as dinâmicas e participações no curso e na Universidade, constroem vínculos e se sentem parte de um todo que se o intuito de cada um fosse somente adquirir um diploma de nível superior na instituição, não se constataria pelos questionários aplicados, os interesses outros, que os estudantes possuem, tais como: a melhoria da infra-estrutura e mais recursos para a Universidade, anseio esse, já alcançado com a mudança para a nova Central de Aulas, localizada no Bairro de Bodocongó, contribuindo para uma integração com os outros cursos.

Anseiam pela maior distribuição de bolsas de estudos remunerados, desenvolvimento de pesquisas, grupos de estudo, que atendam as necessidades desses alunos que migram diariamente e mais vagas nas residências universitárias à fim de residirem em Campina Grande, como alguns dos estudantes entrevistados assim já o fazem.

Além disso, muitos estudantes desejam por mais empenho e profissionalismo de alguns professores, exemplos e reflexos esses, a serem seguidos a fim de garantir uma boa preparação para posteriormente atuarem no mercado de trabalho tão preocupante e que desperta o temor da maioria dos estudantes que acabam de entrar na universidade ou estão terminando o curso.

A desvalorização da classe é forte agravante para o desestímulo dos estudantes, que ocasiona muitas vezes a mudança de curso, o abandono definitivo do mesmo. Falta também incentivo a estes estudantes por parte de alguns professores, que deveriam estimulá-los a não desistirem, mostrando o quão é rica a área de estudo que escolheram e as potencialidades a serem trabalhadas. O gráfico 5 reflete o olhar dos discentes para com o Curso.

Gráfico 05 - O que mais lhe desagrada no curso de Geografia – UEPB.



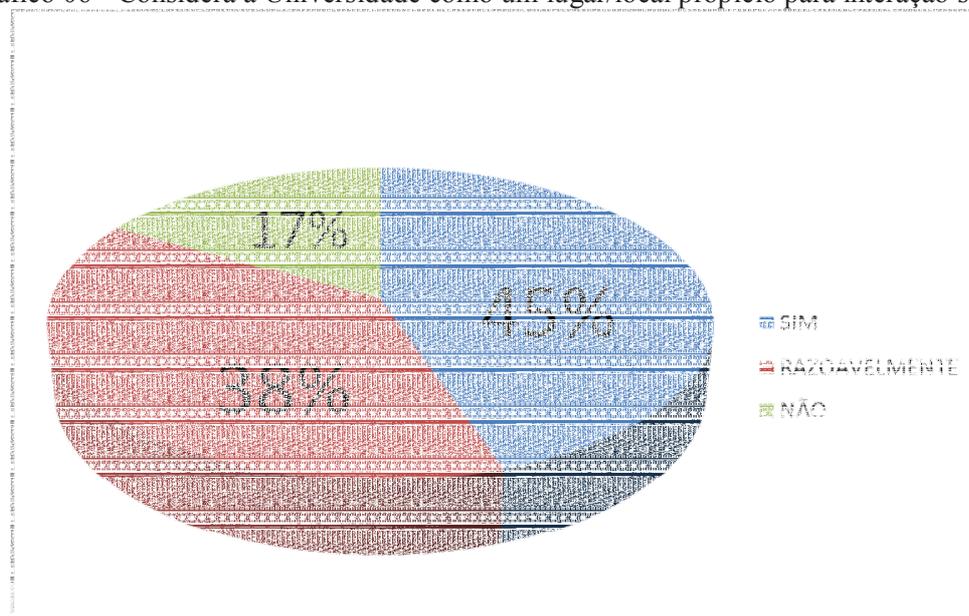
Fonte: Jessé Geminiano Júnior, 2012.

A preocupação constante destes discentes com o cenário pela qual a educação brasileira se encontra, onde os profissionais professores sofrem pela falta de investimento e valorização. Contudo, possuem a esperança de que o mercado de trabalho e a área de atuação sejam alavancadas no futuro.

Também vale destacar que conforme os estudantes entrevistados citaram os professores se mostram compreensivos em caso de atraso, saídas de aula mais cedo ou faltas devido transporte escolar, não demonstrando tratamento diferenciado para com esses alunos, assim como por parte de seus colegas de campina Grande que em nenhum ou quase nenhum momento foram discriminados. Mesmo enfrentando muitas dificuldades para estudar, lhes fora questionado se o ensino a distância seria uma solução, alguns alegaram que seria uma possibilidade, mas a maioria esmagadora afirmou que ainda assim, preferem o ensino presencial, pois o consideram o mais adequado.

No que refere-se às dinâmicas ocorridas no âmbito acadêmico, a convivência por aproximadamente 5 anos com os colegas que viajam nos ônibus que os transportam diariamente assim como os laços construídos com as pessoas e a cidade de Campina Grande, ficou notório que tais estudantes consideram a Universidade como um lugar/local de interações, geradas ao longo desse processo. (Gráfico 6)

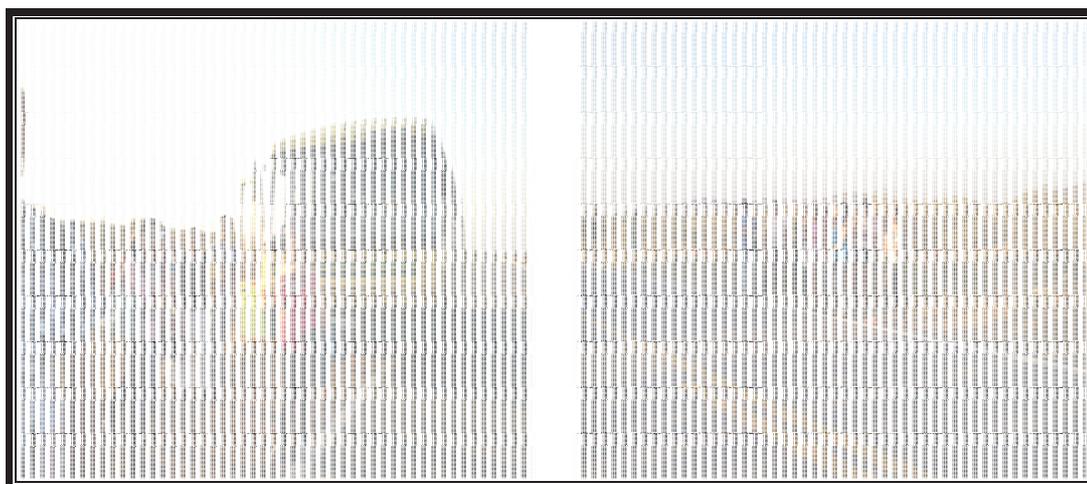
Gráfico 06 - Considera a Universidade como um lugar/local propício para interação social



Fonte: Jessé Geminiano Júnior, 2012.

A Universidade, a cidade, as amizades surgidas, a pluralidade de relações, e os vínculos fortalecidos estão guardadas mesmo que por momentos na memória de cada um. Evidenciaram-se também algumas dificuldades enfrentadas por tais alunos: a distância entre seus municípios e à Cidade de Campina Grande foi um fator recorrentemente citado, motivo de cansaço, desestímulo, perda de tempo que leva conseqüentemente ao desejo ou abandono definitivo do curso, além do perigo nas estradas, o desconforto e os problemas mecânicos dos ônibus, este último, é um fato constantemente visto, como pode-se observar na Figura 15.

Figura 15: Problemas mecânicos com o ônibus dos estudantes do município de Picuí



Fonte: Jessé Geminiano Júnior. Setembro/2012

Os problemas mecânicos dos ônibus dos estudantes são recorrentes e motivo de perda de aulas, provas e seminários, levando a reprovações e o abandono do Curso, caso os professores não sejam compreensivos e relevem tais imprevistos decorrentes de quem necessita do transporte escolar diariamente, a Figura 15 acima, retrata não um fato isolado, mas, uma realidade em meio a muitos outros relatos mais graves inerentes ao discente quem migra, tais como: perda do controle da direção pelo motorista, falta dos freios do veículo, perda de rodas do automóvel em meio ao translado, falta de luz, tentativas de assalto, furtos, rochas e sacolas com fezes jogadas nas janelas dos ônibus, animais no asfalto, gerando acidentes, manobras arriscadas entre outros relatos.

As questões financeiras foram citadas, tendo em vista que muitos deles pagam mensalmente o transporte escolar, e que a maioria destes estudantes migram de seus municípios no período da tarde aproximadamente 16h00min, chegando a suas residências no fim da noite, sendo que muitos deles não têm dinheiro para se alimentar ou para pagar passagens de retorno, caso perca o transporte escolar, ou para gastos com material de leitura, (Xerox), fatores desestimulantes e que prejudicam o processo de ensino e aprendizagem.

Vale ressaltar que muitos deles residem na zona rural. Sendo assim ou ficam de favor em casa de parentes, amigos, enfrentando os possíveis constrangimentos ou inconveniências consequentes ou podem se deslocar por mais tempo em motos, bicicletas ou a pé em meio aos perigos da noite até suas casas, isso todos os dias, entre às 23h00 e 24h00 .

Muitos estudantes também alegaram que devido morarem em outros municípios sentiam-se prejudicados, pois não podiam se dedicar ou participar de muitos grupos de estudos, projetos, monitorias, curso de extensão devido à falta de programas que atendam aos alunos que migram diariamente.

A infraestrutura local precária do antigo prédio fora lembrada, bem como as preocupações com a nova na Central de Aulas, a perda de identidade com o antigo prédio, a mudanças que o novo cenário trouxera, bem como a distância do Bairro de Bodocongó são elementos perturbadores para alguns alunos entrevistados, as melhorias que ainda necessitam ser feitas, bem como a violência simbólica ou real que o novo ambiente carrega consigo, e as implicações que a profissão carrega entre outras, foram fortemente lembrados.

Muitas foram às inovações no Curso de Geografia (UEPB) desde mudanças na estrutura física, desenvolvimento em pesquisas, ensino e extensão, a muito a ser feito, mas as melhorias são perceptíveis nos últimos anos. Conforme relata o professor Drº João Damasceno, mestre dessa IES desde 1991:

“Tudo mudou, no início a estrutura física do prédio era precária, as paredes não eram rebocadas, com piso de cimento grosso, sem equipamentos, sem laboratórios, as aulas de campo eram comprometidas, se pagava para viajar. Hoje vive-se outra realidade em todos os setores, nos últimos 6 anos éramos 6 mestres, hoje tem-se especialização e um número significativo de doutores, colocando o curso em um patamar privilegiado nos últimos 10 anos”.

Tais posicionamentos podem ser vistos por muitos, porém, as divergências de opiniões são também verificadas e importantes para as discussões no que refere-se às soluções ou busca do melhor para o Curso, afinal são nas contrariedades e oposições de ideais que surgem ou está a democracia. A respeito desse contexto o professor mais antigo do Curso de Geografia Edílson Nóbrega de Souza, com 32 anos de atuação docente relata:

“Não houve muitas mudanças no curso, o nível dos professores não mudou, possivelmente antes o nível dos docentes era melhor, assim como as interações existentes. Houve um afastamento dos clássicos, por parte dos professores mais novos. As relações continuam as mesmas e se mudaram foram para piores, mesmo com uma melhor estrutura, material didático, as interações não aumentaram em termos relativos”.

Algumas mudanças podem ser sentidas, vivenciadas e segundo os relatos dos estudantes entrevistados algumas coisas mudaram, mas, muitas ainda são necessárias em diversos segmentos, entre eles uma maior preocupação ou assistência com os alunos que migram. Seja o aluno ingressante no Curso, que adentram a Universidade entusiasmados e com idealizações e que muitas vezes são sanadas no decorrer do processo de formação, ou para o aluno concluinte que migra, que e seus últimos momentos de graduação alegam as dificuldades e a falta de sensibilidade e prioridades para com os mesmos, desde a falta de esclarecimentos com os prazos e datas, bem como as formalidades para colação de grau, já que a maioria dos alunos residem em outros municípios e/ou trabalham e não podem estar nos horários disponíveis pela Universidade de manhã/tarde para ajustar os detalhes formais para a colação de grau.

Em suma, se constatou através da pesquisa que é preciso um olhar mais crítico e direcionado para com estes alunos, assim como também para as necessidades de todos os estudantes e do curso como um todo e dos demais que funcionam atualmente na Central de Aulas, em especial as Licenciaturas para que o processo de mobilidade esteja intrinsecamente atrelado às dinâmicas da sociedade, caracterizada pela diversidade de relações e das necessidades vigentes de cada período, ou seja, época.

A procura pelo conhecimento faz com que esses discentes se arrisquem diariamente a acordar ou chegar a seus lares de madrugada a fim de realizar o sonho de um curso superior e não apenas isso, de interagir com pessoas diferentes, de realidades locais distintas, conhecerem lugares e/ou locais, pessoas, universos diferentes, estarem em um lugar ou em um não-lugar, desfrutar do vivido, de momentos que darão subsídios para serem e estarem atuando em sociedade. A Vida é feita de sonhos, acreditar que tais sacrifícios sejam recompensados é algo primordial, e como diria Fernando Pessoa: na vida quase tudo vale a pena se a alma não é pequena.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Homem ao longo de seu processo evolutivo terá necessidades e precisará migrar para supri-las, sejam estas de pequenos ou longos intervalos de tempo, um deslocamento forçado pelas forças da natureza, ou provocado por conflitos religiosos, por questões políticas, econômicas, culturais, ou simplesmente por prazer, mas esta será sempre a premissa de sua existência, o anseio e busca permanente pelo novo.

A mobilidade pendular é muito mais do que o ato de ir e vir das pessoas, do caminhar pelos espaços, lugares e/ou locais, não-lugares, territórios, vai mais além que mudar por consequências dos fluxos, a paisagens das cidades, das dinâmicas sociais na Universidade desde o surgimento da Instituição no mundo e no Brasil, é muito mais do que é concreto, do que é visível, é, sobretudo, saber usufruir da situação, mesmo em meios as angústias e dos problemas dos mais variados e peculiares, revelados ao longo da pesquisa é conviver, é viver o lugar, de modo que se relacione com outros indivíduos e juntamente com estes compartilhar suas aventuras cotidianas, sentimentos, dificuldades, superações e experiências, bem como os interesses e necessidades constatados, que serão alicerces sólidos para a preparação e construção da história de cada indivíduo, para, por conseguinte atuarem em sociedade, se profissionalizarem e construir sua história, e deixar sua marca por intermédio de seu trabalho, de servir, ajudar o próximo, viver e deixar sua contribuição por onde passe, por onde migre.

E parafraseando Caline Mendes (2011) o fato de conhecer e compreender realidades e processos como esses constituem um desafio, para que possamos contribuir, enquanto pesquisadores, professores e cidadãos, na formação de não só de espaços, contudo, sejamos instrumentos e reflexos positivos em sociedade.

8. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Caline Mendes de. **Do Buraco da Jia à Rosa Mística**: análise do processo de urbanização e ressignificação de uma comunidade da cidade de Campina Grande – PB. In: Monografia de conclusão de curso de Geografia, UEPB, 84p, 2011.

ARAUJO, J. A. S. **Crescimento e mobilidade populacional**: A migração pendular entre as cidades de Lagoa Seca e Campina Grande-PB e suas implicações socioeconômicas. Campina Grande – PB. UEPB 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedito Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Olga Maria Sch'd. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, tipologias, contextos. In: Explorações geográficas : percursos do fim do século. CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318.

CABRAL JÚNIOR, J. B.; **Principais características dos regimes pluvial e térmico de Campina Grande, PB**. In: Monografia de conclusão de curso de Geografia, UEPB, 61p, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTRO GIOVANNI, Antonio Carlos (Org). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia**. 2ª ed. Ijuí: Ed:Unijuí, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CORRÊA, R. L. **Interações espaciais**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.279-318.

CUNHA, J.M.P. **Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológico**. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 4, p. 3-20, out./dez. 2005. Acesso em 19 de junho de 2011.

CUNHA, Luis Antonio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 5º ed. Rio de Janeiro: F. Alves. 1980.

FERREIRA, Luiz Felipe. **ACEPÇÕES RECENTES DO CONCEITO DE LUGAR E SUA IMPORTÂNCIA PARA O MUNDO CONTEMPORÂNEO**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul./dez., 2000.

GOLGHER, André B. **Fundamentos da Migração**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004. Acesso em 19 de junho de 2011.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIMA, JOÉLICA PEREIRA DE. **A construção do pensamento geográfico através dos desenhos animados [manuscrito]: Uma experiência utilizando o Pica-Pau como Recurso Didático**. In: Monografia de conclusão de curso de Geografia, UEPB, 66p, 2011.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MOURA, R., CASTELLO BRANCO, M. L. G., FIRKOWSKI, O. L. C. F. (2005) **Movimento pendular e perspectivas de pesquisa em aglomerados urbanos**. In: São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. Acesso em 19 de junho de 2011.
- MOURA, Dante Henrique; SILVA, Meyrelândia dos Santos. **A EVASÃO NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA OFERECIDO PELO CEFET-RN**. Revista Holos, IFRN, Ano 23, v. 3, 2007.
- MORAES, Júlia Oliveira de; THEÓPHILO, Carlos Renato. **EVASÃO NO ENSINO SUPERIOR: Estudo dos fatores causadores da evasão no Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES**, 2006.
- OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. **Dos Movimentos Populacionais a Pendularidade: Uma Revisão do Fenômeno migratório no Brasil**. IFHC/UNICAMP, Minas Gerais 2006.
- OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CUNHA, Ana Maria de Oliveira. **Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico**. In: Cadernos da Fucamp. vol. 7, n. 7, jan./dez, 2008.
- Ônibus dos estudantes de Picuí. Disponível em <<http://vereadorolivania.blogspot.com.br>> acessado agosto de 2012.
- Picuí até o entroncamento com a BR - 104 - PB. Disponível em <<http://serradecuite.blogspot.com.br>> acessado em agosto/2012.
- PORFÍRIO, Valdir. Anos de luta. Da Intervenção do DCE da URNE à estadualização da Universidade- 1981-1987. EdUEPB. Campina Grande, 2007.
- Registros históricos da UEPB. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br> acessado em junho/2012.
- Rodovias – PB – 177 – Curimataú e Seridó paraibano. Disponível em: <<http://www.blogdo celioalves.com.br>> acessado em agosto/2012.
- RODRIGUEZ, Janete Lins (Coordenadora). **Atlas Escolar da Paraíba**. 2ª ed. João Pessoa, Grafset, 2002.
- SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T.. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Itan Pereira da. **Da Universidade-tópicos trajetórios da Universidade Brasileira**. Campina Grande: Vozes, 1994.

SILVA, RICARDO ANTÔNIO SANTOS DA. **Espaços-tempos, rugosidades e territorialidades na cidade capitalista:Um estudo a partir da realidade do conjunto habitacional Jardim Caiçaras, Cidade Alta de Juiz de Fora – MG**. In Monografia apresentada ao curso de Geografia,UFJF,101p, 2011.

SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz.**Universidade brasileira. A intenção da extensão**. São Paulo: Loyola, 1987.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; FILHO, Edmundo Escrivão. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais**. XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006.

9. APÊNDICES

Questionário destinado aos estudantes do curso de Geografia (UEPB)-Turno noite

1. Nome:
2. Idade:
3. Em que ano de curso () 1° ano () 2° ano () 3° ano () 4° ano () 5° ano
4. Em que Município reside atualmente:
6. Quanto tempo total de viagem de sua localidade até a Universidade?Km?
7. Qual tipo de transporte você utiliza para tal movimento diário:
() Ônibus () transporte alternativo () transporte próprio () outro
8. Considera a Universidade como um lugar/local propício para a integração e interação social com pessoas de diferentes lugares.
() Sim, há muitas dinâmicas socioculturais com todos os estudantes
() Razoavelmente, as pessoas são em sua maioria são um pouco fechadas em seus grupos territoriais e colegas de sala, havendo pouco dinamismo
() Não, as dinâmicas sócias geralmente não ocorrem cada um por si , a universidade é marcada pelo individualismo e poucas interações.
9. O que mais lhe agrada no curso?
() Professores
() estrutura física e material didático
() apoio à produção, pesquisa e iniciação científica
() Um boa preparação para o mercado de trabalho
() Aulas de campo;
() outro
10. O que mais lhe desagrada no curso?
() corpo docente(falta de compromisso despreparo dos professores)
() Estrutura física e recursos, material didático;
() desvalorização do professor perante o mercado de trabalho
() Falta de incentivo aos estudantes (publicações científicas, pesquisa, entre outros)
() tudo
() outro
11. Porque você veio estudar em Campina Grande?
() Por falta de opção na cidade
() Por gostar de Geografia -área
() devido concorrência no vestibular do curso ()devido a Instituição-UEPB
() em busca de um diploma superior() outro

Entrevista Destinada aos alunos do Curso de Geografia (UEPB)-turno noite

1. O que fez você escolher o curso de Geografia?
2. O que precisa ser melhorado no curso?
3. Já pensou em desistir do curso? Porque?
4. Já pensou em morar em campina? Porque?
5. Você já sofreu algum tipo de discriminação ou constrangimento por parte de seus colegas ou professores por ser em outra localidade? Ou por algum outro motivo?
6. Os Professores são compreensivos em caso de atraso, saídas mais cedo da aula, ou faltas devido o transporte escolar?
7. Pensa em exercer a profissão? Quais suas perspectivas profissionais futuras? Como encara a profissão e o curso?
8. Quais suas maiores dificuldades em deslocar-se diariamente?
9. Quais os motivos que os levam a não desistir do curso?
10. Em sua turma alguém já desistiu devido morar em outra cidade?
11. Já pensou em fazer ensino a distância?
12. Que alternativas por parte dos órgãos públicos ou Universidade poderiam ser feitas para facilitar sua vida acadêmica?
13. Como você enxerga a Universidade- o lugar e/ou local, a paisagem a estrutura.
14. O que mais lhe fará falta quando deixar a Universidade. O curso, o que mais lhe atrai?
15. Já deixou de participar de algum evento, projeto, monitoria curso de extensão devido residir em outra localidade?
16. Considera a Universidade um lugar- numa concepção de identidade, ou apenas um local- um espaço ocupacional para estudo e obtenção de um diploma?

Entrevista Destinada aos professores do Curso de Geografia (UEPB)

1. Nome
2. Quanto tempo leciona na UEPB?
3. Onde residia quando era estudante universitário? Estudou na UEPB?
4. Se fora aluno da Instituição, tinha colegas que residiam em outras localidades?
5. O curso de geografia inicialmente era composto por alunos de outros municípios?E hoje como o curso é composto?
6. Como você enxerga tais alunos? Interesses, problemas, nível de conhecimento?
7. Quais as maiores contribuições que esses estudantes agregam ao curso? Pontos positivos e negativos
8. Você já presenciou algum tipo de discriminação para com os alunos devido seu local de origem?
9. Você costuma relevar ou compreender as faltas, percas de conteúdo, cansaço ou desestímulo se houver por parte desses discentes?
10. Houve mudanças na Universidade, na paisagem, estrutura, nas dinâmicas no local/lugar? Quais?